

CADERNOS DE 5 GEOCIÊNCIAS

Reavaliando os Principais Problemas de Salvador
Os Novos Mundos da Geografia
O Alcance do Olhar

A Questão do Espaço-Tempo Complexo: Um Novo Referencial para a
Geografia Urbana e Regional

A Geografia e o Meio Ambiente
Evolução Geomorfológica do Curso Superior do Vaza Barris
Fronteira Científica e Horizontes de Análise

A População de Salvador e os Movimentos de Migração Interna: O Exemplo
da Penitenciária Lemos Brito

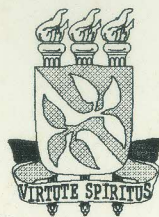
Do "Homem Sapo" ao "Homo Erectus"
A Urbanização Brasileira

A Descoberta do Sítio Fossilífero Submerso de Poço Azul
Universidade: Prestação de Serviços x Produção de Conhecimento
Um Estudo em Perspectiva: Etnopêdologia e Etno-ecogeografia do Grupo
Indígena Pankararé

NOVEMBRO/96



INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS



CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS é uma publicação editada pelo
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

REITOR

Luiz Felipe Perret Serpa

VICE-REITOR

Maria Gleide Santos Barreto

DIRETOR

Délio José Ferraz Pinheiro

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Maria Auxiliadora da Silva

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE GEOQUÍMICA

Ibson Guimarães Carvalho

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE GEOLOGIA E GEOFÍSICA APLICADA

Telésforo Martinez Marques

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE SEDIMENTOLOGIA

Geraldo da Silva Vilas Boas

COORDENADOR DO COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM GEOLOGIA

Aroldo Misi

COORDENADOR DO COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Maria Elvira Passos Costa

COORDENADOR DO COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM GEOFÍSICA

Milton José Porsani

COORDENADOR DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOLOGIA

José Maria Landim Dominguez

COORDENADOR DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOFÍSICA

Edson Emanuel Starteri Sampaio

COORDENADOR DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Barbara-Christine Nentwig Silva

**COORDENADOR DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOQUÍMICA E MEIO
AMBIENTE**

Ronaldo Montenegro Barbosa

5
CADERNOS DE
GEOCIÊNCIAS

NOVEMBRO/96



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
BIBLIOTECA

Os trabalhos publicados podem ser reproduzidos, no todo ou em parte, com a condição de serem acompanhados do nome do autor, do registro "Reprodução dos CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS" e indicação da data. Três cópias deverão ser enviadas ao Instituto de Geociências.

Os trabalhos publicados nos CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS são de inteira responsabilidade dos autores e não exprimem necessariamente a opinião do Instituto de Geociências ou do Conselho Editorial.

Cadernos de Geociências / Instituto de Geociências da
Universidade Federal da Bahia — Vol.1, nº 1 (jan. 1992)
- nº 3 (dez. 1992); nº 4 (nov. 1993); nº 5 (nov. 1996)
Salvador: GEO, UFBA, 1996
v.: il.; 22cm

Quadrimestral (1992), Semestral (1993—)
ISSN 0104-2327

1. Geociências — Periódicos I. Universidade Federal da
Bahia. Instituto de Geociências

CDU 55:91(05)

Tiragem: 700 exemplares

Rua Barão de Geremoabo, s/nº
Campus Universitário de Ondina
40.170.290 — Salvador — Bahia
tels.: 247-2566* — 247-2775*
FAX: (071) 247-2486

EDITORES RESPONSÁVEIS

Délio José Ferraz Pinheiro
Francisco José Gomes Mesquita

EDITOR EXECUTIVO

Dária Maria Cardoso Nascimento

CONSELHO EDITORIAL

Joaquina Lacerda Leite
José Haroldo da Silva Sá
Maria das Graças Fujimori
Maria José Marinho Rego
Neyde Maria Santos Gonçalves
Osmário Rezende Leite
Pascal Jean Michel Motti
Pedro de Almeida Vasconcelos
Teodora Maria Conceição Rocha

CONSULTORIA "AD HOC"

Waldir Freitas Oliveira
Pedro Agostinho da Silva

Secretária

Elza Maria de Carvalho Azevedo

Diagramação

Microtextos Edições Gráficas

Capa

Simone Santos Gonçalves



BRASÃO DE ARMAS DO INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

O símbolo heráldico criado para o Instituto de Geociências pelo heraldista Victor Hugo Carneiro Lopes, compreende campos fendidos contendo os dois ramos de oliveira que compõem o escudo da Universidade Federal da Bahia, entidade "mater" do Instituto, e uma esfera armilar de ouro em campo azul - alegoria heráldica das Geociências, tendo na porção inferior, a inscrição do lema **Ultra Orbem Docet, Ensina Muito Além da Terra**, vez que os estudos no campo das geociências progridem no conhecimento do Universo, portanto, **muito além da Terra**.

A esfera de ouro reproduz o globo terrestre com seus meridianos e paralelos. Os dois ramos de oliveira são de imensurável riqueza simbólica desde os tempos helênicos. Os gregos e os romanos antigos agradeciam à sabedoria da deusa Minerva a descoberta do óleo de oliveira, com que urgiam o corpo, preparando-o para a luta. Posteriormente, com o Cristianismo, o óleo foi considerado como símbolo da força do espírito divino que penetra naqueles que o receberam e os fortalece para os combates espirituais. O óleo é um ingrediente sacramental empregado no batismo, na crisma e na benção dos enfermos. O ramo de oliveira é símbolo maior da paz que advém da força da mente, da força do espírito, **Virtute Spiritus**.

BRASÃO DE ARMAS

ESCUDO: O campo do escudo é dividido em quatro partes; os quartéis I e IV de azul, fendido de prata em corte de dois ramos de três folhas de oliveira, sendo que a parte interpenetrante em cor diversa. Os quartéis II e III de azul, uma esfera armilar, de ouro.

LEMA: **Ultra Orbem Docet**



EDITORIAL

Repercorrendo os editoriais das edições anteriores de **CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS** nos defrontamos com uma assertiva que a realidade futura iria tornar premonitória: *"As revistas ligadas às Universidades têm, em geral, sua periodicidade e circulação comprometidas pela falta crônica de recursos"*. Este excerto foi extraído do editorial que abre o nº 4 da Revista, publicado em novembro de 1993. A partir de então, aprofundaram-se as adversidades financeiras das Instituições Federais de Ensino Superior, particularmente da Universidade Federal da Bahia, inviabilizando a continuidade da publicação da Revista. As limitações implícitas determinaram não se conseguir manter a periodicidade semestral prevista originalmente. Esta edição, após um hiato temporal de três anos, de certo modo, marca o renascimento de **CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS**.

O leitor notará que a Revista não deixou de manter o seu perfil original, qual seja, de um instrumento de divulgação aberto para circulação livre da palavra, das reflexões e da pluralidade de idéias no campo das Geociências. Os textos aqui publicados, diversos na forma, variados no conteúdo, são testemunhos dessa fidelidade.

É preciso registrar que, em realidade, a produção deste número iniciou-se há quase três anos, por isso alguns textos podem, à primeira vista, parecer desatualizados. Todavia, a releitura desses textos revelou a surpreendente contemporaneidade dos conteúdos. Eles aqui se encontram como uma espécie de memória que recorda o futuro.

Paradoxalmente, o grande atraso na publicação desta edição permitiu que a Revista começasse a circular coincidindo com o momento em que o Brasil e o mundo prestam homenagens ao geógrafo-filósofo Dr. **MILTON SANTOS**, professor (recentemente aposentado) do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFBA, sem dúvida, o mais importante geógrafo brasileiro contemporâneo. Conforme previsto há dois anos, aqui se encontra transcrita, pela primeira vez, a sua aula-inaugural no Mestrado em Geografia - *"Os Novos Mundos da Geografia"* - proferida em 05 de abril de 1994. Esta coincidência deveu-se às circunstâncias ou, quem sabe, a um feliz acaso.

Não será ocioso assinalar que o renascimento de **CADERNOS DE GEOCIÊNCIAS** resulta de autêntico esforço coletivo, principalmente da Editoria Executiva e do Conselho Editorial, mobilizados no sentido de não se cometer uma grande injustiça com autores que colaboraram com esta edição. Nesse sentido, o solitário instante criador desses autores está recompensado.

A publicação desta edição somente se tornou possível graças ao decisivo apoio financeiro da Superintendência de Geologia e Recursos Minerais-SGM da Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração do Governo do Estado da Bahia.

Novembro, 1996

Délio José Ferraz Pinheiro Francisco José Gomes Mesquita
Editores Responsáveis

SUMÁRIO

ISSN 0104-2327

DISCURSO

- Discurso de Posse do Professor *Luiz Felipe Perret Serpa*
como Magnífico Reitor da Universidade Federal da Bahia 13

ARTIGOS

- Os Novos Mundos da Geografia**
Milton Santos 19

- A Questão do Espaço-Tempo Complexo: Um Novo Referencial para a Geografia Urbana e Regional**
Angelo Serpa 31

- Reavaliando os Principais Problemas de Salvador**
Sylvio Bandeira de Mello e Silva 43

- O Alcance do Olhar**
Teodora Maria Conceição Rocha 59

- Fronteira Científica e Horizontes de Análise**
Fernando Pedrão 71

- Evolução Geomorfológica do Curso Superior do Vaza Barris**
Creuza Santos Lage 81

- A População Presidiária de Salvador e os Movimentos de Migração Interna: O Exemplo da Penitenciária Lemos Brito**
Paulo César Souza Argolo
Benedita Pereira de Andrade 95

- Um Estudo em Perspectiva: Etnopedologia e Etnoecogeografia do Grupo Indígena Pankararé**
Fábio Pedro S. de F. Bandeira 107

PONTO DE VISTA

- A Geografia e o Meio Ambiente**
Florisvaldo Henrique Falk 131.

NOTAS

Universidade: Prestação de Serviços x Produção de Conhecimento

Sylvio de Queirós Mattoso 137

A Descoberta do Sítio Fossilífero Submerso de Poço Azul, Município de Andaraí - Ba.

Maria Therezinha Guzzo Muniz Ferreira 141

Do "Homem Sapo" ao "Homo Erectus". Viagem à Serra da Capivara, São Raimundo Nonato - PI

Norma de Athaide Couto 145

RESENHA

A urbanização Brasileira

Antonio Angelo Martins da Fonseca 151

POESIA

É um Crime o que Fazem com as Folhas Secas!!!

Paulo Avanzo 163

DISCURSO

DISCURSO DE POSSE DO PROFESSOR LUIZ FELIPPE PERRET SERPA COMO MAGNÍFICO REITOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Excelentíssimo Senhor Ministro da Educação,

Sabemos que os fatos históricos não têm relevo em si e por si. Os fatos históricos são tornados relevantes a *posteriori*, quando olhamos para trás, recortamos e elegemos, no passado, os acontecimentos que desejamos articular com o presente.

Tomo posse no cargo de Reitor da Universidade Federal da Bahia no ano do centenário de nascimento do seu fundador, o Prof. Edgard Santos. O Reitor Edgard Santos, a universidade que ele concebeu na década de quarenta, as comemorações que, em sua homenagem, empreendemos neste ano de 1994 são os fatos — pretéritos e presentes — que me inspiram neste momento.

Na sua origem, a UFBA não se distingue da maioria das universidades brasileiras. É também fruto da reunião de antigas faculdades isoladas. Delas, das nobres e vetustas Faculdade de Medicina, Faculdade de Direito e Escola Politécnica, Edgard Santos soube captar a tradição acadêmica e o prestígio social. Compreendeu, entretanto, que em benefício da jovem universidade, essa tradição acadêmica deveria ser diversificada, instituindo novas áreas de

atuação em coerência, por um lado, com as demandas e expectativas do seu tempo e as projeções, que então se faziam, para o futuro da sociedade e da economia baianas; por outro, a diversificação acadêmica deveria contemplar também as vocações mais remotas e históricas da Bahia, potencializando, na universidade, a tradição das expressões culturais e artísticas.

A criação da Escola de Geologia, em 1958, da Escola de Dança, em 1956, e do Hospital das Clínicas, em 1949, são exemplares dessa concepção nova de universidade, de uma inovação radical, cuja atualidade pode, ainda hoje, nos surpreender.

As escolas de arte então criadas, por sua própria natureza, constituíram desde o início um laboratório experimental, onde se gestou a articulação entre atividades de pesquisa, de extensão e de ensino: a investigação e experimentação artísticas produziram as concepções dos espetáculos e recitais, a realização desses espetáculos e recitais era já, simultaneamente, aprendizagem e extensão. De forma análoga, a Escola de Geologia surgiu repalpada pelas necessidades de investigação e exploração do polo petrolífero. Também ali, o foco primordial da atividade universitária foi a pesquisa e a imediata utilização do conhecimento produzido, o ensino se constituindo no bojo da investigação e da interação com a sociedade. Na área de saúde, o Hospital das Clínicas configurou o mesmo processo: atendendo a comunidade, pesquisa e ensino se faziam simultâneos, estimulando inclusive a abertura de outras áreas de atuação universitária, como a Enfermagem, a Farmácia, a Nutrição.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão — que ainda é o grande desafio das universidades brasileiras, em nossos dias — teve na Universidade baiana concebida por Edgard Santos, na década de 50 e 60, expressão e realização plenas.

Essa indissociabilidade, efetivada na prática universitária cotidiana, e o nexos permanente com a sociedade, asseguram a visibilidade social da nossa universidade, renderam-lhe o reconhecimento, local e nacional, e um prestígio político que foi muito útil à captação de recursos necessários a sua afirmação e crescimento.

Compreender porque o projeto universitário que era tão promissor, há quase cinquenta anos atrás, se tornou a realidade problemática dos dias de hoje deve ser o cerne das reflexões de quem se propõe a dirigir a Universidade Federal da Bahia, nestes quatro anos próximos a um final de milênio.

Reconhecendo o potencial positivo da Universidade criada por Edgard Santos, é preciso que se reconheça também as transfor-

mações estruturais e conjunturais ocorridas desde então, para não incorrer em ingênua vontade de reedição, não revista e não atualizada, de sua utopia.

Edgard Santos teria imensas dificuldades em implementar hoje a sua utopia modernizante, seu projeto universitário, pois, entre ele e nós, está a crise dos paradigmas da modernidade, existe a trajetória das universidades brasileiras e a constituição do que podemos chamar, hoje, o sistema das universidades federais, com suas marcas históricas, suas conquistas, seus desvios, seus percalços e seus dilemas.

O peculiar desse sistema universitário brasileiro é que ele não foi pensado ou construído afirmativamente, por um projeto institucional ou por deliberação governamental de investir em ciência, em cultura e em educação, para servir ao conjunto da sociedade brasileira. O sistema universitário federal se formou reativamente, como bem expressam os movimentos e as ações que se generalizam pelo país *em defesa* da universidade pública.

As universidades começaram a se reconhecer e a se articular como partes de um sistema, ainda na década de sessenta, a partir dos movimentos estudantis de resistência, no auge das perseguições políticas e no bojo de projetos deliberados de massificação e de empobrecimento do ensino superior público. Na década de oitenta, entrou em cena o movimento dos docentes e, logo após, o dos servidores, atingidos todos pelas precárias condições de trabalho — seja no plano da redução crescente de recursos para a manutenção das atividades universitárias, seja no plano do aviltamento das remunerações. Dos meados dos anos oitenta para o presente, um outro setor de resistência vem se estruturando entre as Universidades Federais, reunindo os seus dirigentes, através da ANDIFES.

O sistema federal universitário, portanto, não se formou integrando universidades, enquanto diversidade de projetos locais e específicos, as políticas e diretrizes gerais. Ao contrário, integraram-se nacionalmente frações da comunidade universitária, segmentos, fortalecidos pelas entidades representativas de cada categoria. O diálogo nacional e a ação conjugada de cada um desses setores tem enormes saldos positivos, dos quais o mais relevante talvez seja a própria sobrevivência da universidade pública brasileira, mas tem também saldos dilemáticos para a autopercepção e para o funcionamento de cada universidade, enquanto instituição específica, movida por um projeto próprio.

Por outro lado, a resistência, a partir de categorias profissionais, instituiu instrumentos que, em última instância, se contradizem entre si: hoje estão consagrados, na letra da lei, tanto a autonomia universitária quanto o Regime Jurídico Único, e ambos se tornaram conquistas que merecem análises e talvez alguns questionamentos.

Precisamos de autonomia, tanto quanto precisamos de uma legislação que possa garantir os direitos dos que trabalham na universidade. Mas precisamos também discutir a abrangência e a forma de efetivação dessa autonomia, precisamos examinar o ponto em que a autonomia, em cada instituição, se atrita com a legislação que uniformiza as universidades no plano funcional.

Na formação do sistema universitário, a resistência política dos segmentos foi, obviamente, uma resposta às políticas governamentais de gerência e financiamento do ensino superior, às drásticas reduções orçamentárias.

Uma outra contrapartida dessas políticas, mais complexa e menos apontada, se formou da articulação entre as pressões da comunidade acadêmica e os interesses do setor produtivo nacional, em prol do desenvolvimento da ciência e da produção de tecnologias. Em razão dessa sintonia de forças, a redução das verbas para as universidades foram em parte, e numa parte bem pequena, compensadas pelos recursos destinados à pesquisa pelas agências financiadoras institucionais. Graças a esses financiamentos diretos a projetos e núcleos de pesquisa, existe boa parte do conhecimento produzido nas universidades brasileiras nos últimos anos. Mas graças também a essa política de financiamentos setoriais, cada universidade se tornou uma instituição informe, impotente para discutir e deliberar conjunta e internamente sobre as suas áreas de investimentos prioritárias, coerentes com um projeto nítido e próprio. Graças aos financiamentos externos à pesquisa as universidades desenvolveram importantíssimos centros de excelência, mas nem sempre essa excelência repercute no conjunto das atividades universitárias, ou atende as demandas mais expressivas da sociedade em que se insere a universidade. A crise do ensino de graduação, por exemplo, em instituições ou áreas de conhecimento plenamente qualificadas pelas suas atividades de pesquisa e pós-graduação, é expressivo resultado dessa outra modalidade de segmentação das universidades públicas.

Dissociadas da própria instituição a que se vinculam formalmente, as comunidades de pesquisadores vivenciam uma crise

de fidelidade, pressionadas internamente pelas expectativas locais e institucionais, pressionadas externamente pelos mecanismos e parâmetros globais de avaliação. Pois a avaliação institucional que se tornou possível nesse contexto de ausência de projetos e parâmetros próprios de cada universidade, a avaliação que hoje se faz com mais ênfase, é externa e segmentada, a partir de critérios de legitimação produzidos por comunidades de especialistas de cada área: diagnostica-se, autonomicamente, entre parênteses, a excelência do saber produzido, mas não se tem elementos para medir a revelância institucional e social desse saber.

Dirigir uma universidade federal hoje exige, acima de tudo, compreender esse processo de fragmentação e mesmo apagamento das identidades institucionais, administrar o diálogo entre as vontades e as atuações segmentadas que atualmente fazem a universidade, em busca de uma configuração que as rearticule sem lesar os seus potenciais.

Dirigir uma universidade hoje exige saber lidar democraticamente com uma pluralidade de vozes, muitas vezes conflitantes entre si, mas legitimadas todas por suas respectivas histórias e formas de resistência, e reinvestir maciçamente na recomposição da auto-imagem e da imagem social de cada universidade, delineando projetos específicos, sintonizados com o seu espaço e com o nosso tempo.

Para dirigir uma universidade pública hoje, entendo que é ainda necessário compreender que não basta fazê-la eficiente e produtiva; é preciso transformá-la, através de dois eixos principais: um, vinculado à questão maior da sociedade brasileira, o crescimento dos excluídos pelo modelo de desenvolvimento vigente em nosso país, particularmente no Nordeste; o outro, relacionado com as questões do nosso tempo, que apontam para uma nova sociedade, na qual o conhecimento é matéria prima fundamental.

Há algumas semanas, durante as discussões que precederam a consulta à comunidade para a escolha do novo reitorado, vi surgir num debate a imagem que me pareceu mais perfeita e mais feliz para expressar o que desejo para a nossa universidade. Eu sonho com uma Universidade Federal da Bahia que tem a feição de Glauber Rocha, um cineasta que produziu sempre a partir de motivos e imagens regionais, extraídos da mais árida, arcáica, violenta e complexa realidade social e cultural brasileira, mas produziu formas e filmes com padrão artístico de primeiro mundo. Por isso conver-sava, de igual para igual, com os maiores cineastas europeus.

Tomo posse como Reitor da Universidade Federal da Bahia atento ao estímulo inicial de seu fundador, o Prof. Edgard Santos, e convencido de que este sonho *vale a pena, se a alma não é pequena.*

Brasília, 27 de julho de 1994
Luiz Felipe Perret Serpa

OS NOVOS MUNDOS DA GEOGRAFIA*

Milton Santos**

Os Novos mundos da Geografia. Como tratar este tema? Proponho fazê-lo segundo três tópicos:

- o dos novos horizontes descortinados, neste fim de século;
- o dos novos enfoques possíveis, sob um ângulo abrangente;
- o da geografia propriamente dita, a partir da nova estrutura da realidade que leva a uma nova constituição da disciplina. Numa peça célebre, escrevendo a respeito da criação dos novos mundos, Claudel apresenta um Colombo que exclama: "fui enviado para reunir a terra". Era vítima da crença, vinda do fim do século XV, de que a descoberta de novos continentes completava o conhecimento do mundo. Essa crença foi renovada com certa frequência, já que outros descobridores, mas também autores, imaginavam que o mundo, finalmente, havia sido completamente descoberto.

É o caso do que acontece, por exemplo, em 1758, quando se imagina ter podido medir a terra a partir da possibilidade que foi

*Aula inaugural do Mestrado em Geografia do Instituto de Geociências da UFBA proferida pelo Prof. Milton Santos, em 05 de abril de 1994

**Professor Titular do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFBA.

pela primeira vez estabelecida, de conferir as distâncias entre os astros e de estabelecer as cartas dos mares de uma forma mais precisa, com a produção de uma imagem do Planeta mais próxima de sua realidade.

Já em nosso século, SIEGFRIED, (1954) no seu livro seminal *Aspectos do Século XX* diz: "a nossa geração acaba de descobrir o mundo" e acrescenta: "sem dúvida Vasco da Gama, Colombo e Magalhães, há quatro séculos atingiram as regiões mais distantes do planeta". Mas a sua obra permanecia incompleta porque nos nossos mapas ainda existiam lugares, manchas, nos quais ainda se podia ler o termo "terra desconhecida". Dizia ainda SIEGFRIED: "no céu, os novos horizontes também se alargaram em proporções que desafiam a imaginação, porque o século XX realiza a existência das galáxias, a imensidade do universo e sua contínua expansão". Isto está escrito há 40 anos. Esse grande pensador teria, agora, que reescrever esse artigo, já que hoje, finalmente, o mundo é realmente passível de conhecimento. A nossa geração tem esse privilégio, o de ser contemporânea da cognoscibilidade da terra. Esse privilégio traz para a nossa disciplina, a Geografia, um trabalho e um desafio multiplicados, já que os progressos da ciência e da técnica, afinal, permitem-nos saber o que a terra é como um todo, mas, também, o que é cada lugar. As múltiplas formas de detecção não apenas deixam ver o retrato do mundo, mas autorizam também vê-lo como cinema, isto é, acompanhar o seu processo.

Ao mesmo tempo, se tornou possível enxergar de outra forma os sistemas solares e imaginar o homem transportando-se a outros universos. Só que, também, isso reforça a certeza de que a terra do homem é este planeta, não é o universo. É possível que o homem chegue a outros astros por intermédio do não-humano, como foguetes ou satélites, mas, está provado hoje também, pelos progressos científicos atuais, que a comunicação só é possível quando o entendimento do tempo é o mesmo; e tudo indica que esse entendimento não existe, ainda que pudesse haver vida em outros sistemas e astros.

Então, essa redescoberta do planeta, a que nossa geração assiste, nos obriga a uma série de indagações. A primeira delas é a renovação de uma pergunta que sempre ocupou o gênero humano: que é existir? Que significa estarmos aqui e não ali? Da mesma forma, o fato de sabermos o que são os lugares, nos obriga a uma outra indagação, quanto ao valor do lugar, isto é, quanto às relações entre lugar, localização e valor.

Mas os progressos da técnica e da ciência também são responsáveis por uma capacidade, antes recusada ao homem, de uma decomposição ao infinito do tempo social, levando àquilo que LANDES, D. (1992) chama, no seu livro *Pequena História da Pontualidade*, de produção, nos tempos de hoje, de obsessivos temporais. Essa obsessão pelo tempo, pela pontualidade e essa certeza de que o tempo é extremamente divisível nos é dada, de um lado, pela precisão dos relógios e de outro, pelo poder crescente dos computadores. Se, ainda, na metade do século XVII, os relógios mais precisos erravam algo como 10 segundos apenas, estes se reduzem a 1 segundo no início do século XVIII para, no segundo quartel do século XIX, a margem de erro se reduzir a um décimo de segundo, depois a um milésimo de segundo no primeiro quartel do século XX. Quando começa a aceleração contemporânea, também os relógios se põem cada vez mais precisos, já que no terceiro quartel do século XX a margem de erro é aquele "umzinho" já lá no sexto ponto, isto é, um milésimo de milésimo, e, 10 anos depois, essa margem de erro se divide ainda por 10. A pontualidade se torna historicamente possível e a subdivisão do tempo quase ao infinito também se torna historicamente possível, na medida em que o computador marca, com certeza e precisão, essa cisão do tempo que pode levar a tantos exageros.

Numa recente viagem de estudos que me levou a uma pequena cidade dos Estados Unidos, uma espécie de epicentro de algumas bibliotecas universitárias, algo que me divertia e chocava era ver que a conta do restaurante do hotel marcava a hora em que me sentava e a hora em que a nota me era trazida. Todavia, isso chocou menos que aquele hotel em New Brunswick em que me hospedei quando de uma visita à Universidade de Rutgers. Bastava apertar o botão 8, para ter a minha conta até aquele momento. Fui possuído de estupefação ao verificar na tela da televisão do meu quarto, que havia, no café matinal, tomado um suco de laranja e solicitado dois pães brancos...

Essa capacidade de documentar os gestos e os minutos da vida de cada indivíduo, dá impressão que se realiza completamente aquele vaticínio de ORWELL, G. (1949) no seu livro *1984*, uma fonte de pesadelo para cada um de nós, na medida em que aceitamos nos tornarmos praticamente impotentes diante desse policiamento de nossa vida mais íntima. Mas isso também traz, para a produção do conhecimento, e inclusive para a Geografia, possibilidades novas, já que a decomposição extrema do tempo autoriza a identificação

dos momentos. Por conseguinte, isso permite a localização temporal, e não apenas espacial dos eventos, levando a uma definição melhor de cada lugar em relação ao conjunto do acontecer. Esta nossa época também produz novos espaços entre os quais estão a imagem e o virtual. A imagem como se apresenta hoje é descrita por GAUTHIER, A. (1993), ao dizer que ela tem a mais larga autonomia em relação ao objeto, evoluindo numa esfera de liberdade máxima e tendo como ambição tomar, dentro dela, o tempo e reagir contra a emoção. A imagem instantânea, tal com nos é oferecida através dos *outdoors* é a vida efêmera. A sua eficácia vem exatamente da sua duração reduzida, isto é, de sua efemeridade. Por exemplo, as cidades são destinadas a mudar permanentemente de maquiagem, ao serviço dos que compram espaços destinados a acolher a representação dos seus interesses, na forma de imagens que criam, artificialmente, um tempo que não é o tempo do trabalho.

Mas nós sabemos que o tempo, afinal, se define pelo trabalho do homem. Não é o relógio que define o tempo, mas, o trabalho. As imagens, tal como hoje se fabricam, têm vida autônoma, independem do trabalho, sendo, por conseguinte, um desafio à noção de tempo, tempo de trabalho e à noção de espaço, produto do trabalho. Essa imagem é susceptível de uma transmissibilidade quase ilimitada, e é posta em circulação a partir de uma escolha e uma seletividade, que reproduzem as condições de poder, na sociedade local, na sociedade nacional e na sociedade mundial. É assim que, no espaço de uma geração, impõem-se imaginários forjados, fundados freqüentemente numa representação, e cujo conteúdo é uma história que desafia a História, porque produzida por alguns, ao talante de seus interesses exclusivos. Essa imagem, que é um aspecto e um dado do espaço, é que nos conduz hoje a uma outra manifestação do espaço, que é o virtual. São essas hiper-imagens, como escreve QUEAU, P. (1993), no seu livro *O Virtual (Le Virtuel)*, que misturam em permanência o verdadeiro e o falso, o sintético e o natural, o real e o imaginário, mas que podem nos tocar profundamente, e burlando a nossa vigilância e reclamando os nossos sentidos além das medidas habituais, impondo sensações que nos desnorteiam, distorções fantásticas da percepção, aquilo a que Lacan chamava a criação de espaços paradoxais, falhas dos espaços não temporais, uma representação para o que não existe, com a produção de sistemas simbólicos, que conduzem à subversão da realidade.

Esses novos espaços são um desafio à nossa capacidade de análise. Como, diante de um mundo assim feito, enfrentar a tarefa

do seu entendimento? Como tudo isso é resultado da técnica, nela podemos nos refugiar para tentar esse entendimento, mas, também, podemos buscar abrigo nos grandes sistemas explicativos que tanto nos vem da Filosofia como da Sociologia e da História. Na Geografia contemporânea tal exercício se dá com maior força nos países anglo-saxões e até certo ponto na Alemanha, mas a tendência também se instala nos países quase latinos como a França e a Itália e com certo empenho no Brasil.

O refúgio na técnica para esse entendimento, pode levar a equívocos. Um desses equívocos, de que as nossas universidades são vítimas indefesas, vem dos processos de modernização limitados à ampliação do patrimônio técnico, sem a concomitante crítica abrangente. A ampliação do patrimônio técnico invade a Geografia e leva ao reino dos computadores e dos sistemas administrativos que, juntos, são a matriz da burocracia, isto é, da mesmice entronizada que desencoraja a criatividade. Toda modernização deve incluir as coisas e as idéias, paralelamente. Se não há condições para ampliar o saber abrangente, a modernização, via máquinas, restringe o conhecimento crítico do mundo. É o que, por exemplo, pode-se dar com os sistemas de informação geográfica. Se não se implanta, paralelamente, a produção de um saber abrangente, a disciplina pode se limitar à aceitação de tarefas exclusivamente técnicas que, a médio prazo, reduzirão sua importância dentro da universidade e dentro das Ciências Sociais, e sua aptidão para entender a sociedade nacional e a sociedade mundial. Os signos são apenas o que eles são, um instrumento. Não podem aspirar à categoria de explicação. Se lhes damos um lugar desmesurado no esquema da produção intelectual, mais cedo ou mais tarde deveremos pagar por esse risco. Daí a necessidade de volta às preocupações com explicações mais gerais, com o recurso, cada vez mais freqüente, na explicação geográfica, à palavra de filósofos, de historiadores e de sociólogos, mas, também, de outros pensadores.

Esta tendência, muito mais viva nos países anglo-saxões, sobretudo nos Estados Unidos, constitui uma tendência emergente na Geografia francesa, e desponta já com força na Geografia alemã. Refiro-me, por exemplo, ao livro de Benno Werren sobre *Sociedade, Ação e Espaço*, recém publicado. Nesse capítulo, o Brasil se coloca em boa posição. Se em um país como a França, há numerosos geógrafos que se interessam pela teoria e pelo método, o que escrevem, praticamente, não passa para os outros geógrafos aferrados a um enfoque empírico. Se nos Estados Unidos a preocupação com a Filosofia e com a Sociologia é grande, a preocupação sintética com

o conteúdo da Geografia é menor, enquanto que no Brasil, de um lado, os trabalhos escritos por diferentes geógrafos a propósito da teoria e do método são utilizados no trabalho empírico e por outro lado, é crescente a preocupação quanto à construção de uma teoria geográfica.

Aqui, no Brasil, reinterpretemos, de nosso ponto de vista, filósofos que nos decênios anteriores direta ou indiretamente se inspiravam em Marx, aceitando-o ou combatendo-o como Sartre, Merleau Ponty, Lefévre. Habermas, como em alguns mais recentes que constituem a safra dos pós-modernistas como Foucault, Deleuze, Guattari, Lyotard, Baudrillard, Vattimo, Laclau e Jameson. E voltamos, também, a sociólogos-filósofos, tais como Durkheim e Simmel, sem falar de contribuições mais recentes, tais as de Balandier, Bourdieu, Boudon, Luhmann e Schutz. Nesse capítulo, referência obrigatória é a escola de Frankfurt, tanto nos ensinam Marcuse como Horkheimer, além do já citado Habermas.

Vale, aqui, ressaltar a contribuição de um DURKHEIM (1981), para o entendimento do espaço, com sua proposta de uma Morfologia Social. Durkheim, enterrado por quase um século pela geografia, agora está sendo ressuscitado, mas, sobretudo, por geógrafos de outros países que não o seu. Quanto a Simmel, o grande sociólogo alemão cuja obra hoje está sendo revista, foi um dos primeiros a tratar da questão da modernidade. Sua obra está sendo objeto de interesse dos geógrafos em diversos países, inclusive a partir de livros aparentemente insuspeitáveis como contribuição geográfica, como a *Filosofia do Dinheiro*, onde ele estuda, sob um ângulo diverso ao de Marx, a produção da escassez. De fato, isso ajuda a estudar a produção do espaço, porque a escassez constitui, certamente, uma chave para o entendimento de seu processo e funcionamento. Talvez, por isso, tanto Simmel quanto Sartre, que também escrevem copiosamente sobre escassez, aparecem como guias do entendimento da Geografia e do espaço no mundo de hoje.

Vale, também, insistir na contribuição de alguns outros sociólogos alemães, entre nós pouco conhecidos, como é o caso de Schutz e de Luhmann, ambos preocupados com a estruturação da sociedade e cujo trabalho tem um interesse muito grande para a Geografia. Um autor como SCHUTZ (1967) se refere, por exemplo, àquilo que ele chama de mundo dos antepassados, por oposição ao mundo dos contemporâneos. Mundo dos antepassados e mundo dos contemporâneos têm como traço de união o mundo dos nossos pais, isto é, aqueles que viveram o passado e vivem o presente, e para o presente trazem com eles tudo que era representação do mundo, numa

fase que desapareceu. Que é o espaço senão isso? Essa presença do passado e do presente nas coisas e nas ações já realizadas, essa presença do futuro nas ações possíveis? Isso é o espaço. A idéia de Schutz ajuda a uma redefinição do espaço da mesma maneira que as idéias de LUHMANN (1982), quando este diz que pouco podemos fazer com o passado distante, e pouco podemos comandar o futuro distante, mas há um passado próximo e há um futuro próximo que são o teatro e o resultado da ação presente do homem. Por aí, também, se encontra matéria para definir o espaço geográfico.

Toda esta construção de uma teoria da estruturação da sociedade contribui para o entendimento das coisas, tarefa para a qual não podemos esquecer o que nos vem de um Georges Balandier, um Touraine, um Bourdieu e, também, de um GIDDENS (1984), este deliciosamente irônico em relação aos geógrafos quando, por exemplo, diz que a Sociologia ainda espera que a Geografia dê uma contribuição importante para o desenvolvimento do saber sociológico. E diz, depois, ser possível que os geógrafos não se tenham ainda abalanzado a oferecer essa contribuição por estarem contentes com o aporte dos sociólogos ao avanço da Geografia... Essa cortante ironia tem despertado um copioso debate, — nem sempre fecundo mas prometedo — dentro dessa disciplina permanentemente queixosa que é a nossa.

Mas a nossa área de saber está emergindo da sua antiga posição defensiva para uma posição ofensiva, inclusive dentro das ciências sociais, na medida em que perguntamos aos sociólogos: afinal, o que é a sociedade global? Isso existe? É evidente que o geógrafo não pode desafiar, mas pode, modestamente, perguntar: será que a sociedade brasileira é explicável sem o território, modificado, ele também, ao longo do tempo? O uso dos ensinamentos vindos de filósofos e de sociólogos, clássicos e atuais, se explica por uma razão simples: é que o espaço, como qualquer categoria do pensamento, para ser operacional tem que ser, também, conceito. O mundo sempre teve população, relações sociais, lugar, regiões, em qualquer que seja a época. Então a região, o lugar, etc. são categorias permanentes. Mas o lugar, hoje, para ser entendido, exige o entendimento do tempo atual, exige um conceito. Mas a sociedade em movimento não se explica sem o entendimento do espaço.

Um objetivo a alcançar é superar as dicotomias que sempre ameaçaram a nossa disciplina, a começar por essa idéia persistentemente ambígua, a idéia de paisagem. Superar as dicotomias entre o universal e o particular, entre a objetividade e a subjetividade, entre a estrutura e a história, entre aquilo que chamamos

de aparência (o que chamávamos até recentemente de ideologia) e a realidade (aquilo a que chamávamos de realidade, até descobrir que a ideologia também é realidade).

É aí que a fenomenologia aparece como instrumento fundamental dentro da geografia. Através das coisas, dos objetos, isto é, da configuração geográfica, a fenomenologia permite passar do universal ao particular, sem cair no risco de uma interpretação "coisista", empiricista, indo além da coisa, do objeto, da materialidade do espaço. A dicotomia entre objetividade e subjetividade também pode ser balizada, tanto pela noção de estrutura como pelo uso de um método fenomenológico que inclua o que estou chamando de Geografia Existencialista, isto é, abrangente do Ser e do Existir, e não se contente com um enfoque individualista e fragmentário, de onde o movimento do mundo como um todo e da sociedade como um todo é excluído. Trata-se de compreender a produção da particularidade como realização da existência. A sociedade global seria apenas a essência, enquanto a existência seriam os lugares, na sua condição particular e cuja cristalização provisória, incluindo matéria e espírito, depende de condições atuais de tempo a serem resolvidos imediatamente no tempo seguinte por uma outra definição. A exigência fundamental para esse entendimento parece provir do fato de que o espaço representa a sociedade, mas, na condição de um seu aspecto, o que até pode permitir que se pense em uma pequena filosofia da geografia, uma filosofia menor e desprezível, isto é, um sistema de conceitos abrangentes que de forma sistêmica exprima esse aspecto da realidade, o espacial do social, ou melhor, o socioespacial.

Para isso as soluções são muitas. Falarei de algumas. Primeiro, a preocupação com a globalização, vista não apenas como o que ela é hoje, isto é, algo de perverso, mas como o que ela pode ser, algo fecundo para a humanidade. Um outro aspecto que me parece fundamental na Geografia contemporânea, é que a totalidade, que até a nossa geração se construía na mente dos filósofos, era uma construção intelectual, mas, já hoje, ela tem existência concreta, empírica, graças ao fato de que todo o planeta está coberto por um sistema técnico de características semelhantes, utilizado por um sistema de produção global, universalizando os homens, os objetos e suas relações. Trata-se, pois, pela primeira vez na história do homem, de uma universalidade concreta, empírica.

A Geografia, destinada a trabalhar um mundo, que agora é amplamente e profundamente perceptível, ganha possibilidades novas,

graças a essa cognoscibilidade do planeta, e a essa intercomunicabilidade entre os homens, devido às facilidades de comunicação. Tudo isso que contribui para a produção dessa totalidade empírica, pode ser a base de uma teorização geográfica fecunda, ajudando a entender o que existe. A partir daí, há, também, a considerar a produção dessas redes de fluxos de informação que se superpõem aos fluxos de matéria e se constituem na nova matriz da organização territorial comandada por fluxos invisíveis, mas determinantes do que há de mais importante na vida econômica, social, política e cultural. Assim, as condições estão postas para que se reconstrua, a partir das novas realidades, uma Geografia capaz de ter força explicativa e de participar da necessária reconstrução da teoria social.

Essa força, todavia, vai depender, em parte, da associação entre a ciência e a arte. Um dos aspectos da vida universitária hoje, é que, em boa parte dos casos, o que nós escrevemos é ilegível para o resto da humanidade. Quanto a nós, geógrafos, acho que nem o fato de estarmos num Instituto de Geociências, deve nos levar a dizer que a Geografia é uma ciência. Ela é um conhecimento que ganharia em obedecer àquela sugestão de Bruno Latour, quando decidiu escrever uma novela para contar o resultado de uma pesquisa.

Na realidade, o texto científico é também produzido como uma novela, com um enredo elaborado a partir da produção do sistema dos conhecimentos. Esse enredo pode ser apresentado de forma dura, seca, árida, como geralmente fazem os cientistas (e, ainda pior, pelos que querem passar por cientistas), mas, também, pode ganhar uma forma legível pela humanidade em geral, como os geógrafos faziam no começo do século. Ler Vidal de la Blache é ainda um prazer, mas esse prazer da leitura foi diminuindo na medida em que o geógrafo quis ser cientista. Talvez, por isso, um outro geógrafo, SORRE, M. (1957), já dizia o seguinte: "Não é obrigatório para o geógrafo escrever mal"...

O grave é que, na Universidade, o sistema de promoções está praticamente baseado nesse hermético sistema de escrever, destinado à própria Universidade. Essa escrita da faculdade é um atropelo na produção de uma obra capaz de ter uma difusão mais forte. Antes, quando éramos desprezíveis, escrevíamos o que todo mundo entendia, o que nos permitia, inclusive, ter uma certa influência política, a partir da universidade. É que a nossa preocupação era a de nos exprimir para a sociedade. Hoje, dentro da universidade, falamos muito do povo, palavra que repetimos com a boca cheia, mas, com frequência, escrevemos para nós mesmos.

Então, quem sabe, esta aproximação possível com a arte da novela (sobretudo nas ciências humanas que não devem estar muito preocupadas em ser científicas mas, apenas, em constituir uma disciplina do saber) pode permitir ao trabalho universitário alcançar a sociedade, a partir da universidade. Aceitemos, por conseguinte, o conselho de Bruno Latour, segundo quem, o trabalho do homem na universidade é muito parecido com o trabalho do literato, do novelista, do romancista, na medida em que ele, também, produz enredos. Se o enredo do mundo, e, no caso particular, o enredo do Brasil, que produzimos for vestido com as frases que a sociedade é susceptível de entender, apreciar, seguir, a nossa verdade será a deles, isto é, verdade da sociedade, e o nosso papel na vida social será multiplicado.

Ninguém está melhor localizado para fazê-lo que o geógrafo, pelo tipo de material com que está obrigado a trabalhar: a vida cotidiana, as relações de todos dos homens entre si, as relações dos homens entre si e com o meio onde vivem. Com esses 35 anos de uma Geografia renovada dentro da Universidade da Bahia, que agora se fortalece, com a ajuda dos próximos mestrados e doutorandos, e na medida em que a geografia brasileira deixa de ser apenas consumidora da produção de outros, os próximos 35 anos podem ser marcadas por esse esforço.

Referências

- DURKHEIM, E. 1937. *Les règles de la méthode sociologique*. Paris: Presses Universitaires de France 1981 (20^o ed.).
- GIDDENS, A. 1984. *The Constitution of Society*. Cambridge: Polity Press.
- GAUTHIER, A. 1993. *L'impact de l'image*. Paris: L'Harmattan..
- LANDES, D. 1992. *Petite Histoire de la Ponctualité*. Paris: Gallimard.
- LUHMANN, N. 1982. *The Differentiation of Society*. N. York: Columbia University Press.
- ORWELL, G. 1949. 1984. N. York: Harcourt Brace Jovanovich.
- QUEAU, P. 1993. *Le Virtuel, Vertus et Vertiges*. Paris: Champ Vallon.
- SCHUTZ, A. 1967. *The Phenomenology of Social World*. Evanston: Ill., Northwestern University Press.
- SIEGFRIED, A. 1954. *Aspects du XXème Siècle*. Paris: Gallimard.
- SORRE, M. 1957. *Sociologie et Géographie*. Paris: A. Colin.

A QUESTÃO DO ESPAÇO-TEMPO COMPLEXO: UM NOVO REFERENCIAL PARA A GEOGRAFIA URBANA E REGIONAL?

Angelo Serpa*

"A história não faz nada, ela não acumula riquezas, ela não luta nenhuma luta. Muito pelo contrário, são os seres humanos, os verdadeiros seres humanos, que tudo fazem, que possuem e que lutam"

K. Marx

Existe um espaço com *dimensões temporais*? Embora pareça paradoxal, a resposta para esta pergunta é afirmativa: Questões como esta poderão ajudar na análise de fenômenos espaciais e oferecer um novo sistema de referenciais para a ciência moderna.

A idéia de que espaço e tempo são variáveis independentes foi colocada pela primeira vez em cheque com a teoria da relatividade

*Angelo Serpa defendeu tese de doutorado no Instituto de Planejamento Paisagístico da Universidade de Agronomia de Viena na Áustria, onde atuou como professor visitante nos "Exercícios de Planejamento Paisagístico I" (Landschaftsplanung Übungen I) de 1991, a 1994. Professor do Departamento de Geografia da UFBA.

de EINSTEIN. Com sua teoria, EINSTEIN antecipou os resultados de muitos dos experimentos que comprovaram décadas mais tarde a interdependência entre espaço e tempo. Com velocidades muito elevadas (iguais à velocidade da luz) o espaço pode "encolher" até a metade do seu primeiro comprimento original: O encurtamento de distâncias físicas na direção da velocidade comprova que todas as distâncias são relativas.

Muito influenciada pelo mecanicismo de NEWTON — que por sua vez baseou suas teorias em GALILEI e DESCARTES — a ciência imaginou por muito tempo que as leis da natureza seriam as mesmas da mecânica e também que espaço e tempo eram variáveis completamente independentes uma da outra.

"De acordo com o paradigma cartesiano — que procurava entender os fenômenos naturais como fenômenos mecânicos — também os seres vivos deveriam ser encarados como máquinas e o seu meio-ambiente como uma obra de engenharia complexa (*mas obediente aos princípios deterministas da mecânica*)" (MEYER-ABICH, 1988).

Essa visão de mundo determinou a produção do conhecimento científico até a segunda metade do século passado: De acordo com ela o entendimento pleno da natureza era expresso através da quantificação de forças e movimentos. Com invenções consideradas determinantes para o perfil do mundo atual — embarcações, armas etc. — a Europa estendeu o seu domínio não só aos quatro cantos do mundo mas também ao cosmo desconhecido.

Com a descoberta dos campos eletromagnéticos por MAXWELL na segunda metade do século XIX o pensamento "mecanicista" enfrentou pela primeira vez resistências: Mesmo assim houveram tentativas de explicá-los através dos princípios da mecânica clássica (SERPA, 1991). Ainda na década de 20 tentou-se reduzir o átomo a um "sistema mecânico", na tentativa de descrevê-lo com base nas teorias vigentes na época (MEYER-ABICH, 1988). Somente com a teoria da relatividade se começou a perceber que a separação de espaço e tempo como variáveis independentes era uma separação artificial. Ainda assim a idéia de uma quarta dimensão (o tempo) permanece estranha para a maioria de nós, como nos mostra o exemplo da *esfera na terra das superfícies*.

A terra das superfícies é habitada por linhas, triângulos, quadrados e círculos que podem movimentar-se livremente neste mundo bidimensional, mas que são incapazes de movimentar-se na direção vertical. Para os habitantes da terra das superfícies a idéia de uma terceira dimensão (altura) é inimaginável. Uma vez a terra

das superfícies foi visitada por uma esfera, que tenta explicar a um quadrado sua origem tridimensional:

Esfera: Vocês ainda não estão satisfeitos? Ainda não terminaram as apresentações?

Quadrado: Perdoe, Senhor, a nossa indiscrição que é resultado de muita surpresa e nervosismo com a Sua visita inesperada. Eu lhe rogo que não conte nem a minha mulher o que falamos aqui. Mas antes que Vossa Senhoria continue a saciar nossa curiosidade, poderia talvez nos dizer de que mundo vem.

Esfera: Do espaço, do espaço... Daonde mais poderia ser?

Quadrado: Desculpe, prezado e respeitado Senhor, mas não estamos agora mesmo no *espaço* que Vossa Senhoria menciona?

Esfera: Mas o que o Senhor entende por *espaço*?

Quadrado: O *espaço* é altura e largura, infinitamente alongado.

Esfera: Exatamente! O Senhor não sabe nem sequer o que é *espaço*! Vocês imaginam um *espaço* apenas bidimensional... Mas eu estou aqui para mostrar-lhes que o *espaço* é muito mais que isso e compõe-se de três dimensões: Altura, largura e comprimento.

Quadrado: O Senhor faz piadas realmente engraçadas... Nós também falamos de comprimento e altura, de largura e densidade, e assim definimos duas dimensões com quatro conceitos diferentes.

Esfera: Eu não falo de conceitos teóricos e sim da existência de três dimensões!

Quadrado: O Senhor poderia me dizer em que direção encontra-se esta terceira dimensão de que fala?

Esfera: Eu venho de lá... Esta dimensão de que falo encontra-se acima e abaixo de Vossa Senhoria.

Quadrado: O Senhor está falando certamente das direções norte e sul.

Esfera: De modo algum! Estou falando de uma direção que vocês não podem ver, porque os seus olhos não foram treinados para vê-la.

No seu livro "Wie wirklich ist die Wirklichkeit?" ("O quão real é a realidade?") o psicólogo austríaco Paul WATZLAWICK, utiliza o exemplo da esfera na terra das superfícies para mostrar aos seus leitores como o ser humano tem dificuldades de entender a quarta dimensão, o tempo: "O ser humano não entende o *tempo*, assim como o quadrado não consegue entender a *altura* que a esfera tenta explicá-lo" (WATZLAWICK, 1976). Nós dividimos o tempo em passado, presente e futuro e só conseguimos imaginá-lo *fluindo* numa, única direção.

Mas voltemos a nossa primeira pergunta: Será que podemos imaginar um lugar onde espaço e tempo tivessem trocado de repente as suas funções? Um lugar onde dimensões espaciais são de natureza temporal, enquanto a dimensão temporal possui características espaciais?

Imaginemos este lugar, onde as mesmas situações espaciais se repetiram em espaços de tempo definidos, como um "relógio espacial": De acordo com o físico francês CHARON esse espaço-tempo complexo — embora muitas vezes de difícil compreensão — existiria no interior dos chamados buracos negros.

Qualquer estrela com massa 3,4 vezes maior do que a massa solar pode dar origem a um buraco negro após a sua "morte": Primeiro a estrela explode, perdendo parte da sua massa original e "encolhendo" consideravelmente. Neste processo a estrela se transforma em uma pulsar, cuja massa equivale à massa solar mas cujo diâmetro não é maior do que uns poucos quilômetros. A estrela que morre está sujeita ao mesmo tempo a uma pulsação radial e a uma força gravitacional muito grandes: Com forças gravitacionais cada vez maiores a estrela fecha-se nela mesma originando um espaço fechado e independente do universo que o circunda.

Baseado na teoria da relatividade, CHARON constrói o cenário para uma viagem imaginária neste universo paralelo que se comunica com o nosso apenas por uma abertura mas que nada tem a ver com a noção tradicional de espaço-tempo: "Um viajante que consiga passar por esta abertura se verá prisioneiro de um universo cíclico, onde os acontecimentos espaciais se repetem periodicamente a cada volta completa"(CHARON, 1992).

Os buracos negros possuem entropia negativa, o que significa que nada que eles absorvam pode ser restituído ao universo externo. Representam um universo novo, que acumula informação e onde os fenômenos físicos ocorrem contra as leis do tempo. Esse acúmulo de "informação" no interior do buraco negro indica uma diferença fundamental em relação ao universo tradicional: Aqui a ordem cresce, enquanto no universo circundante a *desordem* predomina.

CHARON vai mais longe e afirma que também o corpo humano é constituído de buracos negros muito pequenos: Os elétrons. O micro-universo dos elétrons não é vazio e sim constituído de matéria e energia. Todo elétron possui "vida eterna", é capaz de acumular informações e de trocá-las com os outros elétrons a cada período de pulsação. Assim, os elétrons possuem uma espécie de memória e podem controlar junto com os outros elétrons operações complexas

dos "sistemas" (ser-humano, árvore, pedra, pássaro, etc.) dos quais fazem parte.

As informações contidas em cada elétron não são perdidas após a "morte" do sistema do qual é parte constituinte: Pelo contrário, o elétron e as informações (vivências) nele contidas podem ser reciclados em outro sistema. É no elétron que está contido — segundo CHARON — aquilo que chamamos de "alma". Assim, com as vivências continuadas dos elétrons nos diferentes "sistemas" — e o acúmulo de informações resultantes disso — o nível espiritual do cosmos estaria se elevando de maneira contínua e ininterrupta.

Também a memória humana funciona acumulando informações e possui entropia negativa. Existe, no entanto, um "limite de consciência": Conteúdos psíquicos podem se tornar conscientes ou inconscientes, dependendo da sua energia intrínseca, ultrapassando o limite da consciência ou não. Aqui a psicologia toca a física e nos coloca também diante da questão de um espaço-tempo complexo, como aquele usado para explicar fenômenos físicos como átomos e buracos negros.

"Muitos dos meus pacientes comportavam-se nas suas sessões de terapia como se estivessem 'tomados' por fantasias aparentemente inexplicáveis, sem saber a origem do estresse psíquico. Seus sonhos mostravam-me um rico material para interpretação e eram 'contados' de acordo com as habilidades do próprio paciente: Através da dança, da pintura, do desenho, da música ou das artes dramáticas" (JUNG, 1947).

JUNG define ele mesmo o seu método como um "processo de vivência" (JUNG, 1947). Com este método ele pôde chegar a conteúdos inconscientes da psique de muitos dos seus pacientes, conteúdos de natureza pessoal¹ e de natureza arquetípica.

Arquétipos possuem caráter atemporal e representam funções pré-formadas da psique humana: Atuam nos sonhos, determinam a "fantasia criadora" e podem sempre vir à tona como "mensageiros do inconsciente coletivo".

"O termo arquétipo é muitas vezes mal compreendido, julgando-se que expressa certas imagens ou motivos mitológicos definidos. Mas estes nada mais são que representações conscientes (...) O arquétipo é uma tendência para formar estas mesmas representações de um motivo — representações que podem ter inúmeras variações de detalhes — sem perder a sua configuração original" (JUNG, 1961).

Os arquétipos jungianos nos mostram a existência de um espaço-tempo relativo e contínuo. Estes "resíduos arcaicos" da psique

humana não podem ser analisados quantitativa — mas sim qualitativamente. Toda manifestação arquetípica é individual e apresenta variações determinadas pelo sujeito “consciente”, no qual o arquétipo se manifesta.

“Imaginemos que a vida de uma pessoa — do nascimento à morte — foi filmada inteira e que agora vamos assistir a este filme. É fácil constatar que este filme é atemporal e que todos os detalhes da vida desta pessoa ou melhor, suas ‘vivências’, coexistem no filme sem diferenciação de tempo. Se projetarmos o filme numa tela estas vivências irão adquirir novamente sua ‘seqüência original’ e ‘acontecem’ na ordem em que de fato ‘aconteceram’. Para os espectadores não há dúvidas de que uma vida inteira está contida neste filme e que os acontecimentos projetados obedecem a uma seqüência temporal que permite uma diferenciação entre passado, presente e futuro. Mas o próprio filme — sem a seqüência produzida durante a sua projeção — é uma analogia do *ser atemporal*” (WATZLAWICK, 1976).

A analogia do *ser atemporal* pode ajudar-nos a entender melhor o significado daquilo que JUNG chamou de “resíduos arcaicos”. Um outro exemplo: A Senhora X sempre teve uma relação forte e intensa com o mar e o filme que agora está sendo projetado na tela mostra a vida desta mulher. A primeira cena mostra a Senhora X tomando banho de mar numa praia do Caribe. A cena é quente, tropical: Palmeiras, céu azul e sol brilhante. A segunda cena mostra a Senhora X surpreendida com a possibilidade de afogamento e tentando salvar-se desesperadamente. Ela se salva, e a terceira cena nos revela uma Senhora X mais cuidadosa e atenta, tentando convencer os filhos na praia a não entrarem na água.

O exemplo acima ilustra claramente uma rede causal de acontecimentos, já que a última cena mostrada é consequência da segunda: Se uma outra seqüência fosse mostrada (p.ex. se a terceira cena fosse mostrada antes da primeira) provavelmente não entenderíamos nada. O que vemos no filme tem uma seqüência temporal lógica e diz respeito apenas à pessoa da Senhora X.

“Mas da mesma forma que um indivíduo não é só indivíduo mas também um ser social, a psique humana não é apenas pessoal mas também um fenômeno coletivo” (JUNG, 1916).

Assim, para podermos entender melhor a relação da Senhora X com o mar deveríamos também saber o contexto social ao qual ela pertence:

- Qual é a religião da Senhora X?
- Como é a sua família? etc.

Tais questões indicam a existência de uma psique coletiva, determinada por diferentes raças, povos ou famílias. As incríveis semelhanças de motivos mitológicos ou religiosos — que parecem existir independente das diferenças culturais entre os povos — mostram, por outro lado, que existe uma memória coletiva universal: Também para a Senhora X existe um mar universal que pouco é influenciado por suas experiências pessoais (positivas e negativas) e pelo ambiente social onde foi educada. Este mar universal (arquetípico) é para mim a melhor imagem do *ser atemporal*.

FROMM traduz este *ser atemporal* — repleto de alegorias e arquétipos universais (atemporais) — com a expressão “forças libidinosas”. Para ele são essas forças libidinosas que garantem o “funcionamento” das diferentes formas de organização social:

“Na história da humanidade sempre reinou uma minoria sobre uma grande maioria. Este poder de uma minoria não é (foi) resultado apenas de astúcia e práticas de ilusionismo, mas sim a expressão da necessidade econômica e das relações entre as forças produtivas. Mas qual são os fatores que realmente determinam (determinaram) esta dependência? Em primeira linha, o poder repressivo e censor e em segundo lugar, as forças libidinosas existentes em todas as formas da sociedade: Medo, amor, confiança, forças estas que determinam também a relação entre as massas e os seus senhores” (FROMM, 1929, 1932).

O autor vai mais longe e afirma que estas forças² contribuem para manter o equilíbrio de uma sociedade mas podem também destruí-la quando as contradições aumentam no seu interior: “Então estas forças deixam de ser amálgama e passam a funcionar como bombas” (FROMM, 1929, 1932).

Ninguém melhor do que Elias CANETTI, descreveu a força da “massa”, analisando sob diferentes ângulos os fatores determinantes de sua formação e disseminação, suas diferentes características e formas: “A massa é um fenômeno ao mesmo tempo enigmático e universal: Ela aparece de repente, onde antes haviam cinco ou dez ou doze pessoas. Nada é anunciado previamente e de repente tudo *escurece* de gente. Eles vêm de todos os lados como se todas as ruas indicassem uma só direção. E há uma determinação nos seus movimentos como se tivessem apenas um objetivo. O ponto mais escuro da massa, onde se concentra a maioria das pessoas” (CANETTI, 1960).

“Os empates começaram no Acre em 1976, quando três seringueiros deram a notícia de que a floresta onde trabalhavam seria desmatada pelo (novo) dono daquelas terras. Ali seria implantada

uma fazenda de criação de gado e os seringueiros e suas famílias deveriam buscar um novo local para morar e trabalhar. Para conseguir o seu intento o fazendeiro contratou cem homens e alguns pistoleiros. Os seringueiros se uniram, foram para o lugar onde a floresta seria desmatada e lá formaram uma corrente humana com mais de 70 pessoas para impedir o desmatamento. Outros seringueiros começaram a desmontar o acampamento dos trabalhadores contratados e conseguiram impedir de forma pacífica a destruição da floresta" (Conselho Nacional dos Seringueiros, 1990).

O exemplo dos seringueiros no Acre nos mostra que o ser humano é capaz de conviver com a natureza e extrair os recursos naturais necessários à sua subsistência sem necessariamente destruí-la. Há décadas estes homens e mulheres vivem na floresta e aprenderam a respeitá-la não só como fonte de vida mas também como seu sustento material. Para os seringueiros — em grande parte vindos do nordeste semi-árido — o encontro com a floresta foi uma experiência marcante: Aqui, no extremo oeste brasileiro, eles deixaram para trás o seu velho "mundo" de secas e árvores retorcidas de sede.

O encontro com os povos indígenas foi decisivo para a adaptação dos migrantes nordestinos ao novo "habitat": Com eles os seringueiros aprenderam as diferentes formas de utilização da floresta (extração de seringa, coleta de frutos e plantas medicinais), aprenderam a construir suas casas sem agredir o meio ambiente, aprenderam também os mistérios da cura com plantas. Assim, acabaram por "criar" um modelo de proteção à floresta que garante também as condições de sustento para as populações ali residentes (SERPA, 1994).

A história do movimento dos seringueiros pode ser esquematicamente resumida em três fase distintas³:

- Uma primeira fase, quando os seringueiros chegam à Amazônia no início do século como mão-de-obra barata para servir aos "barões da borracha". A adaptação às novas condições ambientais (muito diferentes do local de origem destas populações) e a adoção de práticas indígenas nas áreas de saúde, extração e agricultura (pequenas áreas são plantadas com culturas de subsistência no interior da floresta e depois abandonadas para permitir a regeneração da mata original) se consumaram em um período de tempo relativamente curto, de algumas décadas.
- Uma segunda fase, quando os seringueiros organizam-se em sindicatos em todos os estados e territórios da Amazônia legal,

tentando impedir com correntes humanas (os chamados *empates*) o desmatamento para implantação de fazendas de criação de gado. Organizados, os povos da floresta transformam-se em atores políticos no processo de desenvolvimento regional da Amazônia.

- Uma terceira fase, quando lutam por uma reforma agrária regional e diferenciada para a Amazônia legal, defendendo a demarcação das primeiras reservas extrativistas como alternativa econômica e ecológica para os programas oficiais de desenvolvimento da região, baseados na exploração predatória de madeira e na implantação de grandes fazendas para criação de gado.

"Nossa proposta de reservas extrativistas está baseada em elementos da cultura indígena já que os seringueiros vivem há décadas desta forma. Nós éramos totalmente contrários à introdução de uma agricultura mecanizada e intensiva na região amazônica, porque já sabíamos há muito tempo que o nosso modelo de desenvolvimento — extrativismo e culturas de subsistência — era melhor do que aquele proposto (imposto!) pelo governo federal" (Júlio Barbosa, do Conselho Nacional dos Seringueiros)⁴.

Para CANETTI o arquétipo floresta é ele próprio um símbolo da "massa": "Uma importante característica da floresta é a sua imobilidade. Toda árvore está visceralmente presa à terra e pode resistir assim às ameaças externas. Sua resistência é absoluta, a floresta não abre mão do seu espaço. Ela pode ser derrubada mas não expulsa. Ela é um símbolo de força, um exército pronto para a ação e que nunca foge: Um exército que resiste até o último *homem* antes de dar lugar ao deserto árido" (CANETTI, 1960).

O discurso ecológico atual privilegia o meio ambiente físico em detrimento dos fatores sociais. Mesmo a análise do espaço geográfico carece em geral de um entendimento mais aprofundado das populações que ali vivem. Tentativas de descrever melhor as condições de vida destas populações pecam normalmente pela superficialidade da análise.

O espaço geográfico pode tornar-se símbolo de situações sociais e de aspectos psicológicos coletivos. A geografia tradicional, notadamente "cientificista", deve assumir a existência de um espaço-tempo complexo e privilegiar os aspectos sócio-culturais do espaço ocupado, as diferentes formas de recepção estética assim como a evolução destes fatores no contexto histórico.

"Na verdade espaço e tempo caminham sempre juntos e nós precisamos tentar vê-los dessa forma, como uma unidade indis-

solúvel, compacta e quadridimensional" (HÄGERSTRAND, 1974). A idéia de um "tempo-geográfico" é resultado das tentativas de alguns geógrafos da Universidade de Lund, na Suécia, de desenvolver um modelo capaz de descrever comportamentos e atividades humanas no espaço e no tempo.

O "tempo-geográfico" deve tentar, de acordo com esse modelo, captar a complexidade das relações em escala micro, o que no caso da geografia humana refere-se à parte menor (e indivisível) do sistema: O indivíduo. Assim, existe um número relativamente pequeno de fatores da vida cotidiana que limitam a liberdade dos indivíduos de ocupar certos espaços, em períodos de tempo determinados.

Toda porção limitada do espaço contém uma população de indivíduos (organismos e objetos), entendidos de acordo com a teoria do "tempo-geográfico" como "pontos". Cada um destes pontos possui trajetórias contínuas através do tempo e do espaço, desde o momento do seu aparecimento (nascimento) até o seu desaparecimento (morte). Porque a vida de um indivíduo é o seu projeto principal, a forma mais lógica de iniciar um estudo de geografia humana é a partir dos indivíduos (HÄGERSTRAND, 1970).

Trata-se aqui de discutir de forma mais aprofundada e holística as diferentes formas de organização social, resgatando as relações entre os indivíduos ("pontos") que compõem um tecido social complexo: "Iniciativas populares propiciam mudanças na ordem social vigente e representam a forma mais efetiva de transformação. Nenhuma escola, nenhum plano educacional, nenhum livro pode fazer frente à este processo de *educação participativa*" (FEYERABEND, 1980).

Só a adoção de um novo referencial de espaço-tempo pode ajudar a Geografia a entender melhor estes processos de transformação social.

Referências

- CANETTI, E. (1960). *Masse und Macht*. Neuauflage 1980. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag GmbH.
- Conselho Nacional dos Seringueiros (1990). "Gummizapfer in Amazonien." Mettingen: Brasilienkunde Verlag.
- CHARON, J. E. (1992). *Der Geist der Materie*. 5. Auflage. Frankfurt/M - Berlin: Verlag Ullstein GmbH..
- FEYERABEND, P. (1980) Erkenntnis für freie Menschen. Veränderte Ausgabe. Frankfurt am Main: Edition Suhrkamp.

FROMM, E. (1929). "Psychoanalyse und Soziologie." In *Die Gesellschaft als Gegenstand der Psychoanalyse*, S. 11-14 Erste Auflage 1993. Frankfurt am Main: Hrsg. von Rainer Funk. Suhrkamp.

_____ (1932). "Über Methode und Aufgabe einer analytischen Sozialpsychologie." In *Die Gesellschaft als Gegenstand der Psychoanalyse*, S. 23-35, Erste Auflage 1993. Frankfurt am Main: Hrsg. von Rainer Funk Suhrkamp.

HÄGERSTRAND, T. (1953). Citado em S. C. Bandeira de Mello e Silva, *Teorias de Localização e de Desenvolvimento Regional*. In *Geografia* 1(2): 1-23, outubro 1976..

_____ (1970, 1974). Citado em D. Parkes & N. Thrift, *Times, spaces and places*. Chichester New York, Brisbane, Toronto, 1980: John Wiley & Sons.

JUNG, C. G. (1916). "Die transzendente Funktion." In *Archetyp und Unbewusstes*. Grundwerk, Band 2.4. Auflage, 1990, S.251-278. AG Olten: Walter-Verlag.

_____ (1947). "Theoretische Überlegungen zum Wesen des Psychischen." In *Archetyp und Unbewusstes*. Grundwerk, Band 2, 4. Auflage, 1990, S. 7-76.. AG Olten: Walter-Verlag.

_____ (1961). "Chegando ao inconsciente." In *O Homem e seus Símbolos*, 6ª Edição, 1987. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

MEYER-ABICH, K. M. (1988). *Wissenschaft für die Zukunft - Holistisches Denken in ökologischer und gesellschaftlicher Verantwortung*. München: Verlag C. H. Beck.

SERPA, L. F. P. (1991). *Ciência e Historicidade*. Salvador, Bahia: Edição do Autor.

SERPA, A. (1994). *Annäherung an den Begriff Park. Eine Studie zur menschlichen Wahrnehmung der Natur am Beispiel städtischer Freiräume*. Vienna: Diss. Universität für Bodenkultur.

WATZLAWICK, P. (1976). *Wie wirklich ist die Wirklichkeit? Wahn - Täuschung - Verstehen*. München: Serie Piper. R. Piper & Co Verlag.

NOTAS

¹ Fatos em que no momento não pensamos, conteúdos antes conscientes mas agora momentaneamente esquecidos, tudo o que fazemos de forma não intencional ou desatenta.

² FROMM traduz os sentimentos (coletivos) das massas como "forças".

³ O movimento dos seringueiros é analisado com mais detalhes na tese de doutorado "Annäherung an den Begriff Park: Eine Studie zur menschlichen Wahrnehmung der Natur am Beispiel städtischer Freiräume" (SERPA, 1994).

⁴ A Teoria da Propagação das Ondas de Inovação, também conhecida como Teoria da Difusão Espacial das Inovações, do geógrafo sueco Hägerstrand, é uma tentativa de criação de uma base teórica para a análise

destes movimentos de transformação social, designados pelo autor como "ondas de inovação" (HÄGERSTRAND, 1953). Os quatro estágios espaço-temporais propostos por Hägerstrand para elucidar o fenômeno da difusão espacial das inovações podem ser usados também para explicar a criação do modelo de reservas extrativistas no Acre: Estágio primário (formação dos centros de irradiação das inovações, aqui sem sombra de dúvida, as cidades de Rio Branco e Xapuri), segundo estágio (adoção das inovações por populações mais afastadas dos centros de irradiação) e terceiro estágio (crescimento da adoção das inovações). No caso do movimento dos seringueiros o quarto estágio, o da saturação (fim do processo de difusão), não foi ainda atingido, já que o processo de demarcação das reservas extrativistas na Amazônia legal continua em andamento, extrapolando as fronteiras do estado do Acre.

REAVALIANDO OS PRINCIPAIS PROBLEMAS DE SALVADOR

Sylvio Bandeira de Mello e Silva*

Pretendo, neste trabalho, discutir os problemas de Salvador defendendo o princípio geral de *que o passado e o presente são as chaves da predição do futuro*. Isto, aliás, significa uma reformulação do princípio básico do Atualismo, classicamente proposto na Geologia por Hutton e Lyell, segundo o qual *o presente é a chave da interpretação do passado*. Por sinal, a própria Geologia, em suas relações com a questão ambiental, começa a trabalhar com a alteração citada, conforme pode ser visto em Penha (1993, p.21) e, sobre outros aspectos, em Hsu (1990).

A ênfase aqui será dirigida principalmente para a relação do passado recente do crescimento da cidade com a sua situação atual e suas principais tendências a médio prazo. A essas considerações de caráter mais metodológico sobre a abordagem do tema, gostaria de acrescentar uma proposição geral com o objetivo de abranger, logo de imediato e de forma sintética, a complexidade dos principais problemas. Assim, parto da idéia geral de que há uma *profunda, dinâmica e complexa questão urbana em Salvador, como resultado*

*Professor do Mestrado em Geografia da UFBA e do Doutorado em Geografia — Convênio UFS/UNESP

da maximização de muitos de seus problemas sócio-econômicos, ambientais e espaciais, formando uma espécie de trilogia sobre o urbano, nas últimas décadas e com forte tendência ao agravamento a médio prazo.

Não se trata aqui de retomar basicamente o pensamento marxista da questão urbana tal como originalmente proposto por Castells em 1972 (em *La question urbaine*) e praticamente abandonada por ele mesmo em 1983 (em *The City and the Grassroots*), bem antes, portanto, da queda do Muro de Berlim, como já assinalou o geógrafo Marcelo José L. de Souza em seu recente estudo sobre o Rio de Janeiro. Neste sentido, a questão urbana não pode ser mais vista somente como decorrência do processo de acumulação capitalista sendo o resto relegado a um segundo plano como, por exemplo, a questão cultural. Em 1972, Castells, ainda como exemplificação, considerava a questão dos movimentos sociais urbanos como estruturalmente secundária ainda que conjunturalmente importante, o que será colocado de forma bem diferente em sua obra de 1983.

Falar agora em questão urbana significa, no meu entender, continuar dando prioridade à visão abrangente do urbano enquanto uma determinada — e cada vez mais importante — forma de produção social e aos problemas urbanos como problemas sociais materializados no espaço, como tem sido feito, por exemplo, por muitos autores através da valorização, com bastante perspicácia, da questão da segregação residencial e da pobreza urbana. Quero ressaltar que considero que a questão social rebatida sobre o espaço incorpora necessariamente aquilo que vem sendo chamado de questão ambiental. Em outras palavras, considero que o espaço produzido é o resultado das relações sociedade-natureza.

Assim, a questão urbana de Salvador é hoje uma questão dramática abrangendo e integrando um grande conjunto de problemas sociais e econômicos em sua expressão espacial e com forte impacto ambiental.

Por outro lado, gostaria de ressaltar a idéia de que a atual questão urbana de Salvador tem bastante originalidade, como resultado da combinação local de numerosos fenômenos de diversas ordens e níveis espaciais e de diferentes tempos. Originalidade mas não excepcionalidade como diria Schaeffer (1953) em sua crítica ao regionalismo exacerbado na produção geográfica. Mas também Salvador não aparece apenas como um estudo de caso que expressaria um determinado modelo generalista, como talvez teria preferido o próprio Schaeffer e muitos outros representantes de diferentes pa-

radigmas teóricos que se debruçaram sobre o espaço nas últimas décadas.

O que quero dizer com isto, ou seja, com a questão da originalidade de Salvador, é que há uma questão urbana de Salvador que tem traços comuns com outras metrópoles, em particular com as metrópoles brasileiras, como resultado da ação das mesmas macroestruturas e das interações que se processam com intensidade no sistema urbano nacional em uma perspectiva internacional, mas que também difere em muitos aspectos significativos da questão urbana de outras metrópoles como Recife, Rio de Janeiro e Curitiba, por exemplo, o que coloca importantes perspectivas analíticas e estratégicas.

Feitas estas considerações gerais, de caráter introdutório, vamos voltar ao nosso esquema já anunciado, tentando entender a questão urbana de Salvador como resultado de seu dinamismo recente e da ação presente de forças internas e externas o que possibilita projetar cenários a médio prazo.

O dinamismo recente de Salvador e seus problemas

Parto do princípio de que a atual questão urbana de Salvador tem suas raízes principais em sua fase mais recente de crescimento, sem desmerecer a importância das questões suscitadas em períodos anteriores, bastante relevantes até hoje e muito integradas, por sinal, às novas questões. Seria até um exercício instigante simular como seria a cidade de Salvador caso não tivessem ocorrido as mudanças recentes com a força com que atuaram. Talvez, a título de hipótese, Salvador se aproximaria mais, *mutatis mutandis*, de uma metrópole tipo Belém, ou mais provavelmente Recife, bem diferente, portanto, do que ela é hoje. Em 1970, a cidade do Recife tinha 93.000 habitantes mais que Salvador; em 1991, Salvador tem mais 766.000 habitantes do que Recife. Por outro lado, mantendo-se as atuais diferenças no ritmo das respectivas taxas de crescimento, a Região Metropolitana de Salvador deverá superar a de Recife logo no início do próximo século. Em termos econômicos, o valor da transformação industrial na Região Metropolitana de Salvador é 2,3 vezes maior que o da Região Metropolitana de Recife, com base em dados dos Censos Econômicos de 1985.

Em 1960, um geógrafo baiano, o prof. Milton Santos, se debruçou sobre essa mesma questão, a de definir os problemas do crescimento da cidade do Salvador. Relendo hoje seu trabalho, é possível achar importantes pistas para aquilo que estou tentando defender.

Santos começa por definir a cidade de Salvador como "um desses grandes organismos urbanos do mundo subdesenvolvido, que marcam uma espécie de traço de união entre um mundo rural a cuja vida preside e do qual comercializa os produtos e um outro mundo, industrializado que lhe compra essas mercadorias. É uma criação da economia especulativa, a metrópole de uma economia agrícola comercial antiga, que ainda hoje subsiste" (Santos, 1961, p.21). A partir daí, Santos inicialmente trabalha com o que ele chama de obstáculos a um *crescimento consciente*, ou seja, com as seguintes questões:

- a) *o sítio urbano e as formas do crescimento*: neste aspecto o autor destaca que a fundação da cidade correspondeu a um esforço de ordenamento mas o crescimento posterior foi se dando sem qualquer disciplina, salvo a das condições naturais, diferentemente aproveitadas segundo as condições históricas;
- b) *a permanência das funções tradicionais*: aqui há um destaque para a introdução na época do único e importante elemento novo representado pela exploração e refino de petróleo;
- c) *a pobreza da população*, destacando a expressiva participação das camadas mais pobres na população total da cidade; a presença de numerosos contingentes de desempregados e subempregados e a expansão de áreas de favelas onde há um destaque para a zona dos Alagados;
- d) *as fraquezas da administração*, onde há uma prioridade para a insuficiência dos recursos e para a "má utilização desses recursos, empregados sem um qualquer planejamento". As propostas do EPUCS, lideradas pelo engenheiro e geógrafo Mário Leal Ferreira, ainda não tinham sido implementadas. É curioso lembrar que neste trabalho é citada uma estimativa do economista prof. Fernando Pedrão sobre a renda per-capita da cidade, fixada para 1957 em 230 dólares da época. Quanto valeria isto hoje e qual seria a renda per-capita de Salvador em nossos dias? Na segunda parte do trabalho, Santos aponta para os problemas de *uma evolução urbana espontânea*, que seriam os seguintes:
 - a) um crescimento espacial exagerado através dos loteamentos: neste item o autor destaca uma tendência ao adensamento na área central e arredores, pela ação das empresas de construção, verticalizando e preenchendo os espaços vazios, e uma tendência ao crescimento pelas extremidades da cidade citando que na periferia os loteamentos se multiplicavam, sem nenhuma correlação com o número de pessoas capaz de utilizá-los, nem com a população atual ou previsível da cidade;

- b) *a luta pelo espaço* onde o autor destaca a tendência para o crescimento da segregação residencial expressa pela formação de vários bairros segundo diferentes estratos de renda;
- c) *a presença, em número cada vez maior, de invasões*, a partir da década de 40, com destaque, pelo volume de unidades e pela dramaticidade das condições de vida, para a área dos Alagados.

O autor conclui dizendo que *não se pode encontrar em nenhum dos aspectos das mudanças o dedo orientador do poder público, sendo tudo espontâneo*. "A especulação urbana e o subdesenvolvimento regional a que se liga, são, em grande parte, responsáveis pela permanente reorganização do "habitat" urbano, numa cidade que parece encontrar-se à procura de um equilíbrio interno" (p.37).

Creio que é importante agora comentar, embora resumidamente, o esquema anterior visando sua necessária atualização. O contexto do início da década de 60 é realmente *o contexto da fase preparatória das grandes mudanças* que iriam ocorrer mais tarde na cidade e em sua região, dentro de uma perspectiva nacional. Cresce a perspectiva da importância do planejamento e algumas políticas, planos e projetos de envergadura começam a ser elaborados ou aplicados. *A integração econômica nacional*, básica para o sucesso do modelo desenvolvimentista, apoiado no processo de substituição de importações, *passa a exigir uma correspondente integração espacial*. No Estado da Bahia isto repercute com o asfaltamento completo da Rio-Bahia, em 1963, e na cidade do Salvador isto significa a expansão de um eixo de crescimento em torno da até então precária rodovia Bahia-Feira. Em nível intra-urbano também repercute a prioridade ao rodoviarismo e um dado revelador é o da extinção do serviço de bondes já em 1961. A rede viária começa a se expandir, destacando-se a implantação das primeiras avenidas de vale previstas no Plano de Mário Leal Ferreira.

O crescimento periférico em nível urbano e em nível microrregional começa a se implantar e um indicador deste último aspecto é o processo de desmembramento municipal que ocorre na área envolvendo, entre 1958 e 1962, Candeias, Camaçari e Simões Filho. Mas este processo de expansão urbana só vai ser fortemente impulsionado com a implantação do mega-projeto do Centro Industrial de Aratu, em meados da década de 60, reforçando o eixo da BR.324 e suas articulações.

Em nível intra-urbano, duas modificações, que aliás se integram, devem ser destacadas neste período. A primeira diz respeito à chamada "reforma urbana", que facilitava bastante a aquisição

particular de imensas áreas públicas, por isso mesmo bastante criticada, e a segunda ao processo de melhoria e expansão do sistema viário acompanhado por uma mais efetiva distribuição da infraestrutura urbana. A partir daí começa a se implantar um vigoroso processo de descentralização que tem como maiores expressões a implantação do Centro Administrativo da Bahia, da Estação Rodoviária e da área comercial do Iguatemi.

É significativo que o bairro da Pituba, projetado em 1918 por Teodoro Sampaio, também engenheiro e geógrafo, só consegue ser implantado na década de 60, crescendo aceleradamente nos anos 70.

As forças de horizontalização e de verticalização começam a atuar com intensidade em diferentes partes da cidade na década de 70. Por outro lado, a *decadência do centro histórico e de seus arredores* prossegue com mais vigor como decorrência da mudança nos eixos de crescimento. É expressivo observar que este processo não era relevante na segunda metade da década de 50 e início da de 60, como se depreende dos trabalhos de Milton Santos sobre o centro da cidade.

A década de 80 caracteriza-se pela continuidade do processo de crescimento, expresso pela horizontalização e verticalização, reforçado, no final dos anos 70, no que diz respeito à economia urbano-regional, pelos efeitos da implantação do Pólo Petroquímico de Camaçari.

A expansão da cidade em áreas mais distantes é também impulsionada pela crescente escassez de terras nas áreas adjacentes ao núcleo central provocada pelo contínuo processo de ocupação das áreas intersticiais e pela reserva de terras como estoque para futura comercialização. A periferação é então maximizada, particularmente na área do que se convencionou chamar de "Miolo" de Salvador, ou seja, a área central do município.

Sobre a questão urbana de Salvador hoje

Como vimos, da situação tradicional vivida pela capital baiana no início dos anos 60, com Salvador ocupando uma área não muito extensa, compacta mas cada vez mais densamente habitada, passa-se a uma outra, a de hoje em que a dinâmica do processo de expansão espacial é tão grande que é possível prever-se para breve — e seria importante calcular quando isto ocorreria — o seu próprio fim no sentido de que, com a continuidade da rápida periferação, ao lado da ocupação dos últimos espaços livres nas demais partes da cidade, não haverá mais terras passíveis de serem ocupadas

pelas atividades urbanas o que terá progressivamente grandes repercussões na vida da cidade e de sua região de influência. O modelo atual de expansão espacial baseado na contínua incorporação de novas áreas ao tecido urbano, deverá, portanto, ser brevemente esgotado.

Com efeito, o município de Salvador agora tem colocadas diante de si, como nunca antes, as sérias limitações ao crescimento proporcionadas pelo seu *sítio urbano*, sobretudo de ordem topográfica, e, particularmente, por sua *situação geográfica*, envolvida que é pelo Oceano Atlântico, de um lado, e pela Baía de Todos os Santos, por outro lado, além de estar cercada por um verdadeiro "cinturão industrial", com todos os riscos e agressões ambientais que isto acarreta, e por reservatórios de água e áreas de uso especial na parte norte do município, o que impede sua expansão linear, de forma contínua.

As restrições físicas do sítio urbano têm seu destaque na presença de numerosas encostas com forte declividade, ou seja, acima de 35% inviabilizando as edificações, na ocorrência de uma expressiva hidrografia com muitos cursos d'água, represas e espelhos d'água protegidos e, ainda na existência de áreas de vegetação preservadas.

Como vimos, a expansão urbana mais espetacular — pela sua rapidez e pelas formas assumidas — tem-se dado no Miolo, área que até a década de 60 era quase um vazio demográfico. Quando a expansão urbana começa a se acelerar, essa área central se destaca pela sua localização estratégica, de caráter nuclear com relação à mancha urbana e pelo fato de ser o único grande setor da cidade com enormes áreas disponíveis para novos assentamentos. Desta forma, o Miolo cresce de 75.000 habitantes, em 1970, para 250.000 habitantes em 1980 e quase um milhão de habitantes em 1988, segundo estimativas da CONDER. Para 1991, os dados do Censo, quando disponíveis a nível intra-urbano, podem realmente apresentar uma população em torno de 1 milhão de habitantes para o Miolo, cifra esta que só foi atingida por toda a cidade do Salvador em 1970, ou seja, após 421 anos de sua fundação. Caso se confirme que a população de todo o Miolo seja 1 milhão, isto significará uma porcentagem de cerca de 50% do total da cidade quando, em 1970, isto era apenas 7,5%!

Assim, mantendo-se esse ritmo de crescimento da cidade do Salvador, embora menor do que na década de 70, em todos os seus segmentos (núcleo central e adjacências, orla atlântica, orla suburbana e Miolo) pode-se prever que em 10 a 15 anos o problema da

disponibilidade de novas áreas para expansão urbana será crítico (já sendo muito crítico em algumas sub-áreas) e em 20 a 25 anos será praticamente impossível dispor de espaços livres que poderiam ser apropriados pelo crescimento da cidade. *É o fim do processo de expansão da cidade tal como estamos vendo em nossos dias.*

Um outro importante aspecto, já tocado anteriormente com relação a toda a cidade, concorre para justificar a proposição acima com referência ao Miolo. É o de que nesta área central do município há grandes espaços não passíveis de serem aproveitados pela expansão urbana. Trata-se de imensas áreas que são protegidas pela legislação de uso de solo, como as reservas florestais que envolvem diversas pequenas e médias represas (Cascão, Mata Escura, Prata, Cachoeirinha), duas grandes represas, as de Ipitanga I e II, e outras reservas florestais oficiais, como a da Mata dos Oitis, por sinal praticamente cercada por invasões por todos os lados. Grandes áreas encontram-se também apropriadas ou reservadas por equipamentos ou serviços de médio ou grande porte, como áreas militares, áreas administrativas do Estado e de órgãos federais, penitenciárias, instituições de ensino superior, grandes hospitais públicos e privados, distritos industriais e comerciais (DINURB, Porto Seco Pirajá e parte do CIA), áreas de exploração mineral, áreas de grupos religiosos, clubes e aterros sanitários, em funcionamento ou previstos.

Tudo isto somado reduz bastante a disponibilidade de terras na área central do município de Salvador, contrariando uma primeira impressão sobre a questão, ou seja, sobre a provável grande extensão espacial da área central do município de Salvador.

A Prefeitura Municipal de Salvador realizou, em 1984, um levantamento das áreas disponíveis para ocupação urbana no Miolo sendo excluídas, portanto, as áreas já ocupadas (uso residencial e não residencial) e as que sofreram restrições de caráter físico ou institucional. Segundo este levantamento, de um total de 7.912,68 ha do Miolo eram ainda disponíveis 1.914,35 ha, ou seja, 24,5% do espaço total. (BAHIA, 1985, p.31). Com base nesta informação, os autores do Plano de Ocupação para a Área do Miolo, publicado em 1985, realizaram um balanço de todas as áreas do Miolo, chegando aos resultados apresentados no Quadro 1.

Portanto, a área disponível é menor do que a área já ocupada (67% desta) e das áreas com restrições (63%). O próprio plano, por sinal, redefine as áreas com restrição, destinadas ao sistema de parques e áreas verdes ampliando, só para este fim, o total para 4.427 ha.

Quadro 1.
Balanço das Áreas do Miolo

Área ocupada por ocupação espontânea	1.071.31 ha	37% do total de áreas ocupadas
Densidade bruta	278 hab./ha	
Área ocupada por ocupação programada	1.740.83 ha	60% do total de áreas ocupadas
Densidade bruta	86.98hab./ha	
Área ocupada por loteamentos	81.83 ha	3% da Área ocupada
Subtotal de Áreas ocupadas	2.893.97 ha	36.5% do total da Área do Miolo
Densidade bruta	166 hab/ha	
Subtotal dos vazios ocupáveis	1.941.35 ha	24.5% do total do Miolo
Subtotal das áreas com restrições (físicas e institucionais)	3.077.36 ha	39% do Miolo
Total da área do Miolo	7.912.68 ha	
Densidade territorial	60 hab./ha	

Fonte: BAHIA (1985), p.31

Por outro lado, mantendo-se a mesma densidade média de 166 hab./ha na área ocupada, observa-se que a população do Miolo atinge, em 1984, um total de 480.399 habitantes. Mantendo-se essa mesma densidade para os restantes 1.941,35 ha disponíveis para a expansão urbana constata-se que serão necessários 322.264 habitantes para preencher todos os espaços restantes do Miolo. Ora, como vimos, o Miolo passou de 250.071 habitantes em 1980 a 480.399 habitantes em 1984, incorporando, portanto, 230.328 pessoas em 4 anos, com uma taxa geométrica de crescimento anual de 17,73%.

Assim, com esta taxa o Miolo como um todo poderia ter incorporado os já citados 322.264 habitantes necessários para preencher

os espaços restantes em pouco mais de 3 anos, ou seja, segundo nossa fonte, o Plano do Miolo, em 1987. É bem possível, entretanto, que as taxas de crescimento anual do Miolo tenham se reduzido, acompanhando a tendência geral de queda no crescimento das grandes cidades, como revelam os dados do Censo de 1991, inclusive para Salvador. Evidentemente, as densidades devem estar crescendo também em muitas áreas do Miolo e da cidade e crescerão nas novas áreas que estão sendo progressivamente incorporadas ao tecido urbano.

Desta forma, considerando um aumento da densidade bruta para 300 hab./ha, como o fez o próprio Plano do Miolo, as áreas disponíveis do Miolo permitiriam uma ocupação de 600 mil habitantes, população esta que o Miolo precisou só de 15 anos (1970-1985) para apresentar. É por esta razão que projetamos o esgotamento do modelo de ocupação horizontal para a 2ª década do próximo século.

Por outro lado, a título de comparação, mantendo-se a forma do crescimento exponencial de Salvador, observado nas últimas décadas, Salvador como um todo teria, no ano 2003, ou seja daqui a 10 anos, uma população de aproximadamente 3,6 milhões de habitantes. Imaginando que, no mínimo, cerca de 40% estejam no Miolo teremos um total de 1.440.00 habitantes, o que já configuraria, a nosso ver, a plena ocupação da área. Mas, é preciso repetir, é bem provável que as taxas de crescimento de Salvador decresçam nesta década, como resultado da tendência já observada historicamente e de forma comparativa com relação a outras metrópoles.

Hoje a disponibilidade de terras para a expansão urbana é ainda bem menor na *orla suburbana* onde já se conseguiu, como foi dito, um importante adensamento demográfico. Entre o eixo da rodovia BR.324 (Salvador-Feira) e o cordão litorâneo destacam-se como restritivas à expansão urbana as áreas do Parque São Bartolomeu, do imenso Parque Florestal da Represa do Cobre, zonas portuárias, áreas militares, espaços destinados à lavra e importantes setores industriais atuais e projetadas do Distrito Industrial Norte e do CIA.

Na *orla litorânea atlântica*, embora em geral menos densa do que a faixa suburbana, há também relevantes restrições à expansão urbana: legislação mais rígida para edificações próximas à linha de praia (mesmo alterada pela chamada Lei da Contrapartida), delimitação do Parque Metropolitano de Pituaçu, área do chamado Parque do Aeroclube, área do Parque de Exposições, área do Parque da Lagoa e Dunas do Abaeté e área reservada para a expansão do Aeroporto.

Já nos espaços que pertencem à *mancha urbana contínua*, constituída basicamente até os anos 60, também tem havido uma constante ocupação das poucas áreas livres remanescentes, seja por assentamentos do tipo classe média e média alta como do tipo baixa renda, incluindo invasões. Ocorre, igualmente, a ocupação por equipamentos e serviços de médio e/ou grande porte, como centros comerciais, clínicas e hospitais e, mais recentemente, muitos centros empresariais, todos se deslocando das áreas mais centrais ou procurando evitá-las. A verticalização, como não poderia deixar de ser, tem sido bastante intensa em várias áreas da cidade, como no eixo Vitória-Barra-Graça e na área da Pituba-Itaigara causando um extraordinário aumento das densidades.

Agregando todas as informações já citadas sobre as crescentes restrições à expansão urbana em Salvador e suas perspectivas a médio prazo, pode-se destacar, como um dos resultados importantes, o problema da elevação dos preços dos terrenos no município como decorrência da escassez de oferta relacionada com os elevados níveis de demanda o que acaba por se configurar em uma nova e poderosa restrição, incrementando os mecanismos de segregação e resultando na continuidade da expulsão das populações mais pobres para áreas cada vez mais distantes, crescentemente direcionadas para outros municípios da Região Metropolitana de Salvador.

A Guisa de uma Conclusão: Especulações sobre as Perspectivas Futuras

Com base no princípio já anunciado de que o *passado e o presente são as chaves para a predição do futuro*, o esquema de Milton Santos, anteriormente apresentado, sobre os problemas de Salvador é bastante útil para refletir sobre alguns aspectos conclusivos sobre nossa realidade atual.

Assim, tentando integrar o passado, o presente e o futuro, esquematicamente teríamos os seguintes *obstáculos a um crescimento urbano consciente*:

- a) o *sítio urbano e as formas do crescimento*
 - passado recente: o *sítio* da cidade impôs certas dificuldades mas não serviu como impedimento ao crescimento sobretudo de forma desordenada;
 - hoje: processo de ocupação das últimas áreas remanescentes, prosseguimento e expansão da ocupação desordenada, rápido crescimento dos problemas ambientais;
 - médio prazo: esgotamento das possibilidades de uso do *sítio urbano*, tendência para transformações profundas em

vários setores urbanos, maior significado e consciência para a questão ambiental;

b) *permanência das funções tradicionais*

- passado recente: a marca da metrópole incompleta, de base mercantil e administrativa;
- hoje: presença de atividades industriais dinâmicas de base urbano-regional, diversificação do terciário; manifestações de crise do modelo de crescimento;
- médio prazo: continuidade e possível agravamento da crise do modelo de crescimento da base econômica urbano-regional; busca de um novo modelo mais ligado aos setores terciário/quaternário;

c) *pobreza da população*

- passado recente: participação expressiva da pobreza na população local; fraqueza de sua participação política organizada socialmente;
- hoje: presença bastante expressiva da pobreza urbana mas participação ativa dos movimentos sociais;
- médio prazo: grande possibilidade de se ter contingentes de pobreza ainda maiores, em termos relativos; tendência a um maior dinamismo dos movimentos sociais;

d) *fraquezas da administração*

- passado recente: ausência de planejamento urbano enquanto um processo sistematicamente institucionalizado; introdução, expansão e crise do planejamento metropolitano;
- hoje: crítica ao planejamento em seu formato tradicional; busca de novos modelos teórico-conceituais;
- médio prazo: maior conscientização da necessidade do planejamento, retorno da questão metropolitana em novas bases, busca de metodologias alternativas de planejamento associadas diretamente à gestão pública, de caráter urbano e regional.

Seguindo o mesmo esquema, vejamos os principais problemas da *evolução espontânea da cidade*:

a) *um crescimento espacial exagerado através dos loteamentos*

- passado recente: adensamento em torno da área central, início do crescimento periférico;
- hoje: adensamento com preenchimento dos espaços intersticiais e forte periferação inclusive a nível metropolitano;

- médio prazo: continuidade do adensamento, periferação ainda mais forte, esgotamento do modelo de expansão espacial a nível municipal;

b) *luta pelo espaço*

- passado recente: crescimento da segregação residencial;
- hoje: criação de um "novo centro" da cidade; forte segregação residencial, competição espacial, "bunkerização" de muitos espaços;
- médio prazo: continuidade do processo de descentralização e segregação residencial, conflitos sociais crescentes, maior "bunkerização", maior competição espacial agora sobre redefinição de áreas;

c) *invasões*

- passado recente: em expansão;
 - hoje: são cerca de 428 áreas de invasão na cidade, com 50% da população da cidade, segundo avaliação do Movimento "A Cidade é Nossa", em outubro/92, continuidade do processo, inclusive a nível metropolitano e adjacências, tendência à consolidação de áreas;
- médio prazo: tendência ao esgotamento do processo, como deverá também acontecer, como vimos, com os loteamentos e igualmente com os conjuntos habitacionais dentro da tendência geral de ocupação das últimas áreas disponíveis, continuidade do processo de consolidação de áreas.

Salvador (com sua região de influência imediata) cresceu achando, com *relativa facilidade, espaço para tudo e para todos*, praticamente sem ordenamento e forte diferenciação sócio-espacial.

As restrições ao crescimento não serviram, no meu entender, como impedimento para a continuidade do processo, inclusive do ponto de vista econômico.

Neste sentido, Salvador, como parte do moderno crescimento econômico brasileiro, produziu uma *paisagem muito particular*, ou seja, uma determinada organização do espaço, que ora encanta ora desencanta, a depender do ângulo de onde se olha, em termos concretos ou figurados.

A conclusão, a médio prazo, do processo de expansão da cidade obriga, necessariamente que haja uma reestruturação do modelo. Como complicador adicional, isto também coincide, é preciso ressaltar, com a crítica e longa fase de transição da economia e da sociedade brasileiras no contexto das mudanças globais de nossos tempos, o que coloca desafios de várias ordens, com destaque, neste caso, para as estratégias econômicas de crescimento.

Em nível urbano, é possível afirmar que o crescimento desordenado, socialmente excludente, acabou por gerar uma certa "ordem no caos" no sentido de que o mesmo, até agora, *funcionou* na medida em que permitiu a expansão da base econômica da cidade sem maiores entraves.

Com o fim próximo deste modelo, é preciso considerar que a estrutura urbana produzida, com sua fixidez passando a abranger todo o espaço urbano, funcionará como uma barreira que deverá ser transposta no período da reestruturação que deverá se seguir imediatamente. Aproxima-se, pois, uma fase de mutação na cidade e na base econômica regional que pode ser uma expressão local do novo ciclo de "compressão têmporo-espacial" proposto por Harvey (1992), uma espécie de uma forma mais acelerada de capitalismo em seu processo de construção de condições objetivas de tempo e espaço adequadas às suas necessidades e propósitos de reprodução material e social.

Do encerramento deste ciclo de expansão da cidade, cujo maior indicador talvez seja a questão espacial expressa, como vimos, pelo esgotamento das possibilidades ilimitadas de expansão espacial, as duas outras questões da trilogia emergirão de forma ainda mais relevante, a questão social e a ambiental, agora muito mais integradas com a questão espacial. Usando a linguagem de Harvey, a compressão têmporo-espacial fundirá e acelerará no espaço de Salvador as questões *sociais e ambientais*.

Reconhecendo a questão urbana desta forma e aprofundando bastante sua análise, isto exigirá um esforço hercúleo para vencer os desafios. Usando uma outra contribuição de Harvey (1989) isto deverá se dar integralmente em duas direções, a do *urban management* (administração urbana propriamente dita) e a do *urban entrepreneurialism* ("empreendedorismo" urbano) que teria como marcas fundamentais a ampla articulação local de atores e forças sociais e ainda o desenvolvimento de formas de parceria público-privado. Atuando consistentemente, tudo formará o que ele chamou de *urban governance* (gestão urbana) que teria um significado bem mais amplo que simplesmente *urban government* (governo urbano).

Um indicador nada positivo nos últimos anos refere-se à tendência a uma redução do número de estudos publicados sobre Salvador, em levantamento que fiz com a geógrafa Íris Andréa Menezes Martins até 1990. Como sair da crise se não se conhece mais profundamente a problemática justamente quando ela é ainda mais profunda?

Outro indicador crítico refere-se à busca de novas alternativas de crescimento da base econômica urbano-regional. As dificuldades de expansão da base industrial têm sido grandes nos últimos anos e provavelmente continuarão desta forma a médio prazo. Assim, várias opções têm sido buscadas fora do setor industrial, como na área cultural e no turismo que, por sinal, se associam bastante em Salvador, com maior sucesso nos últimos anos. Onde não tem havido resultados positivos é no setor científico-tecnológico que poderia induzir o surgimento e a expansão de *pólos tecnológicos*. Infelizmente, o setor universitário não tem correspondido e, para complicar, há uma desarticulação entre todas as instituições que militam com ciência e tecnologia na Bahia. Como indicador, o Estado não dispõe, até hoje, de uma Fundação de Apoio à Ciência e Tecnologia, criada pela Constituição de 1989. Como transformar dessa forma Salvador em um *pólo quaternário*, por exemplo, como Campinas?

Finalmente, sobre a contínua *problematização dos problemas de Salvador* farei um comentário adicional usando novamente a contribuição da Geologia. Como reação aos princípios do Atualismo, já por nós modificado neste trabalho, surgiu a corrente teórica das catastrófes (ou dos cataclismos), proposta originalmente por Cuvier, tentando explicar as transformações da natureza através de grandes e violentos movimentos. Aliás, versões modernas e mais suavizadas dessas idéias têm gerado tentativas de explicação de muitos problemas, inclusive urbanos como, por exemplo, na questão das enchentes e dos escorregamentos de encostas.

Embora reconhecendo a validade dessa perspectiva, creio que é preciso muito cuidado para não se cair em um neo-determinismo. Em muitos casos, por exemplo, no de Salvador, os problemas decorrentes do que tem sido chamado de "acidentes naturais" são, no meu entender, muito mais resultado de "acidentes sociais", ou melhor, do processo social de produção de espaços sujeitos aos eventos já citados, ao lado de espaços não sujeitos aos mesmos eventos.

Mas essa volta à Geologia tem aqui, como na primeira menção, o objetivo de usar também com modificações, o princípio geológico para nossos objetivos. A tentação seria a de dizer que seria preciso esperar um "cataclisma social" para reverter este quadro dramático em que nos encontramos e que tende a agravar. Mas prefiro usar esta imagem voltando ao ponto de partida deste texto, o da força dos movimentos sociais e sua importância na solução dos problemas urbanos, tal como foi mencionado, dentre outros, por Castells, entendendo agora esses movimentos como a soma e a integração de todos

os atores e forças sociais da cidade. Só assim será possível evitar, usando uma terminologia de Souza (1993), analisando a situação atual no Rio de Janeiro, que Salvador, também em um "clima de guerra civil urbana", se transforme em uma completa "miserópolis".

Referências

- BAHIA. SECRETARIA DO PLANEJAMENTO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA / CONDER e PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR / SEPLAM "Plano de ocupação para a área do Miolo de Salvador. Salvador. 1985..
- BRANDÃO, M.A "Origens da expansão periférica de Salvador." *Planejamento*. 6, n.2: 155-171. Salvador abr./jun.1978.
- CASTELLS, M. *La question urbaine*. Paris: Maspero. 1972.
- _____ *The city and the grassroots* London: E.Arnold. 1983.
- HARVEY, D. "From managerialism to entrepreneurialism: the transformation in urban governance in late capitalism." *Geografiska Annaler* 71 B, n.1: 3-18. 1989.
- _____ *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola 1992.
- HSU, K. J. "Actualistic catastrophism and global change." *Paleogeography, Paleoclimatology, Paleoecology* (Global and Planetary Change Section) 89: 309-313, 1990..
- PENHA, H. M. "A Geologia e a questão ambiental." In *Boletim de Resumos Expandidos*. 37^o Congresso Brasileiro de Geologia - SBG/SP São Paulo, SP. 1992. p.21- 22.
- SANTOS, M. "Alguns problemas do crescimento da cidade do Salvador." *Boletim Baiano de Geografia* 2, n.5/6: 21-36. jun./set.. 1961.
- SCHAEFER, F.K. "Exceptionalism in Geography. A methodological examination." *Annals of the Association of American Geographers* 43: 226-249, 1953.
- SOUZA, M. J. L. de. "Miseropolização" e "clima de guerra civil": sobre o agravamento e as condições de superação da questão urbana na metrópole do Rio de Janeiro." *Anais do 3^o Simpósio Nacional de Geografia Urbana, Associação dos Geógrafos Brasileiros*, Rio de Janeiro, 13-17/9/93, p.132-143..